

The background image shows a close-up of a woman's feet in simple sandals being washed by another person's hands. A clay jar is tipped over, pouring oil onto the floor. The scene is lit with warm, natural light, creating a sense of care and service.

RA

REVISTA
ADVENTISTA

Aos Seus pés

12

EVANGELISMO

Quanto falta para evangelizar o mundo?

34

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Quando a tempestade passa, a esperança fica

43

ESPAÇO JOVEM

“Ninguém fica para trás!”

PUBLICADORA SERVIR
ABRIL 2026
N. 947 | ANO 87



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

PROJETO GRÁFICO **Joana Areosa**

DIAGRAMAÇÃO **André Carrolo Fernandes**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S.A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
**CAFILESA – SOLUÇÕES GRÁFICAS, LDA.
VENDA DO PINHEIRO**

TIRAGEM **4700 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
29	<u>30</u>	<u>31</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>
5	<u>6</u>	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>	<u>10</u>	<u>11</u>
12	[13]	<u>14</u>	<u>15</u>	<u>16</u>	<u>17</u>	<u>18</u>
19	<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>	<u>24</u>	<u>25</u>
[26]	<u>27</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>1</u>	<u>2</u>

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

2-5 ACAMPAMENTOS REGIONAIS

10-12 CONVENÇÃO DE
EDUCAÇÃO

12 FORMAÇÃO SAL

18 DIA DA EDUCAÇÃO

19 ENCONTRO DE ANCIÃOS
E DIÁCONOS

25-26 ENCONTRO NACIONAL
DE LÍDERES JA

27 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO
ONLINE

30/4-3/5 ENCONTRO *SINGLES*

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

30/3-3/3 SEMINÁRIO DE BOGENHO-
FEN (ATU)

6-10 UNIÃO ROMENA (ROU)

13-17 UNIÃO CHECOSLOVACA
(CSU)

20-24 CASA PUBLICADORA
ADVENT ORION (CSU)

27/4-1/5 CLÍNICA *LA LIGNIÈRE*
(EUD)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[13] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[26] DOMINGO

maio

D	S	T	Q	Q	S	S
26	<u>27</u>	<u>28</u>	<u>29</u>	<u>30</u>	<u>1</u>	<u>2</u>
3	<u>4</u>	<u>5</u>	<u>6</u>	<u>7</u>	<u>8</u>	<u>9</u>
10	[11]	12	13	14	15	16
17	<u>18</u>	<u>19</u>	<u>20</u>	<u>21</u>	<u>22</u>	<u>23</u>
24	25	26	27	28	29	30
31	1	2	3	4	5	6

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

1-3 TORNEIO DESPORTIVO
SOLIDÁRIO

1-3 IV JORNADAS DE SAÚDE
(MADEIRA)

9 DIA DE ÊNFASE NA ADRA E
SAÚDE

9-10 EFJA | NÍVEL III (NORTE E
CENTRO)

10-16 CAMPANHA NACIONAL DE
SOLIDARIEDADE – ADRA

17 FORMAÇÃO SAL

23 DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO
PELAS CRIANÇAS EM RISCO

23-24 EFJA | NÍVEL III (LISBOA
E SUL)

23-30 CAMPANHA *NOVO TEMPO*
PORTUGAL

25 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO
ONLINE

30 ENCONTRO DE COROS DO
NORTE

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

4-8 UNIÃO BÚLGARA (BGU)

11-15 UNIVERSIDADE ADVENTISTA
DE FRANÇA (EUD)

18-22 PUBLICADORA *ADVENT*
VERLAG (SWU)

25-29 REUNIÃO SEMESTRAL DA
EUD (EUD)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[11] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA *RTP2* SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

Aos nossos pés

05

ESPIRITUALIDADE

Aos Seus pés

A história de Maria e do seu perfume.

12

EVANGELISMO

Quanto falta para evangelizar o mundo?

Uma noção realista do que falta para acabarmos a missão.

17

TEOLOGIA

Um Deus zangado?

Repensar alguns mitos sobre a ira de Deus.

23

GRAVADO NA PEDRA

À procura de Daniel nos arquivos de Babilónia

Uma possibilidade fascinante.

28

OLHOS NOS OLHOS

José Colaço

Conheça o autor de Dois Minutos com Ele.

34

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Quando a tempestade passa, a esperança fica

A resposta da ADRA Portugal às tempestades que atingiram o país.

39

HISTÓRIA ADVENTISTA

O relacionamento entre Clarence Rentfro e Robert Moreton – Parte I

Uma amizade missionária.

43

ESPAÇO JOVEM

“Ninguém fica para trás!”

Conexão real: O plano para ninguém ficar sozinho em 2026.

47

PÁGINA DA FAMÍLIA

Famílias especiais

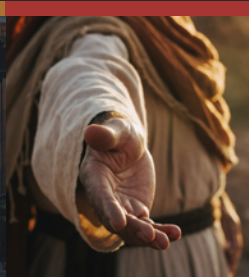
Quando há uma necessidade especial na família.

49

HERÓIS DA BÍBLIA

Daniel – Firme para honrar Deus

O jovem fiel que Deus recompensou.





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

Aos nossos pés

O tema desta edição convida-nos a estar **aos pés de Jesus**. Mas o Evangelho apresenta-nos uma verdade ainda mais comovente: Antes de nos ajoelharmos diante d’Ele, vemos **Jesus ajoelhar-Se diante de nós**.

Em João 13, na noite em que seria traído, o Senhor levantou-Se da ceia, tomou uma toalha, pegou numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos. O texto sublinha um detalhe extraordinário: **“Sabendo Jesus que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que saíra de Deus e voltava para Deus”** (João 13:3), levantou-Se para servir.

Aqui está uma das grandes lições do Evangelho: Jesus serve, não apesar da Sua grandeza, mas precisamente por causa dela. Porque sabe Quem é, humilha-Se. Porque conhece a Sua origem e o Seu destino, desce até à poeira dos pés humanos. No Reino de Deus, a verdadeira autoridade não se afirma pelo domínio, mas pelo amor que se inclina, pela mão que serve, pela graça que se aproxima.

Pedro resiste, como tantas vezes também nós resistimos. Aceitamos mais facilmente um Cristo forte do que um Cristo que Se aproxima da nossa fragilidade. Preferimos, por vezes, antes servir do que ser lavados. No entanto, a resposta de Jesus é clara: **“Se eu não te lavar, não tens parte comigo”** (João 13:8). “Todavia devemos trazer-Lhe todas as nossas fraquezas e impurezas. Só Ele pode lavar-nos e deixar-nos limpos. Não estamos

preparados para a comunhão com Ele, se não formos limpos pela Sua eficácia.”¹ Antes de qualquer serviço, há graça. Antes de qualquer missão, há purificação. Antes de qualquer entrega, há um coração que precisa de se deixar tocar por Cristo.

Este texto fala poderosamente à Igreja de hoje. Podemos estar ocupados com programas, responsabilidades, planos e atividades, e, ainda assim, perder o espírito da toalha e da bacia. Podemos defender a verdade e, ao mesmo tempo, esquecer a ternura de Cristo. Podemos até trabalhar para Jesus sem nos deixarmos renovar por Ele.

A espiritualidade cristã não começa na exibição da nossa dedicação, mas na humildade de nos deixarmos lavar pelo Senhor. E só quem aceita ser servido por Cristo aprenderá verdadeiramente a servir como Cristo.

Talvez a pergunta mais importante não seja apenas se admiramos Jesus, mas se estamos dispostos a deixar-nos transformar por Ele. Porque só quem se deixa lavar pelo Seu amor poderá refletir, no quotidiano, a humildade, a graça e o espírito do Salvador.

Tenho permitido que Jesus toque as áreas da minha vida em que ainda O mantenho à distância?

1

Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, (Sabugo: Publicadora SerVir, 2010), p. 555.

Aos Seus pés

A história de Maria
e do seu perfume



Nina Atcheson

*Editora Sênior no Departamento da
Escola Sabatina da Conferência Geral*

*Retirado e adaptado da revista
Ministry de junho de 2025.*

O vendedor olhou de relance para a jovem mulher que entrara na sua loja. À medida que ele a olha de cima a baixo, ela diz: “Gostaria de comprar um perfume.”

Retirando um frasco barato da prateleira, ele mostra-lhe o preço de venda ao público.

“Eu quero algo melhor”, declara ela.

Ele tira mais dois frascos, abrindo um para que ela possa sentir o forte aroma.

“Não, quero algo mais caro.”

Agora, o homem começa a interrogar-se sobre a jovem mulher, mas a voz dela interrompe os seus pensamentos. “Mostre-me o seu perfume mais caro.”

Depois de uma pausa, ele sai e regressa com uma pequena caixa de pedra. Ela imediatamente vê que é muito valiosa.

“Custa vinte mil euros. Este perfume é adequado apenas para um rei”, diz ele orgulhoso.

“Eu levo-o.”

A história continua

Embora não saibamos como é que ela arranjou o dinheiro, sabemos que Maria Madalena deu muito para possuir um frasco de alabastro com perfume de nardo. O nardo é uma pequena planta que cresce no solo frio e rochoso dos Himalaias Orientais. É a partir das suas raízes que produzem o perfume mais potente, extraído através de um processo demorado que o torna raro e extremamente caro. Ainda hoje, o nardo custa cerca de 100 euros por apenas uma colher de chá (5 mililitros), e a Bíblia diz-nos que Maria tinha mais de 320 gramas dessa essência. Os académicos sugerem que o seu custo era equivalente ao salário de um ano.

Assim, o que a compeliu a gastar uma quantia tão extravagante para adquirir esse perfume?

Encontramos Maria várias vezes no Novo Testamento, sabemos que Jesus a curou da sua possessão por sete demónios e que ela e outras mulheres contribuíam para o Seu sustento



Para além das ofertas dos magos, esta fora a exibição mais extravagante de honra demonstrada a Jesus enquanto Ele estava vivo na Terra.

(Lucas 8:2). Mais tarde, encontramos novamente Maria sentada aos pés de Jesus, enquanto Marta prepara a refeição, frustrada por Maria não a ajudar (Lucas 10:38-42). E agora encontramos-a em Betânia, seis dias antes da Páscoa, na casa de Simão, o Fariseu. Jesus está presente com os Seus discípulos; estão também presentes outros líderes judeus; Lázaro, que fora ressuscitado de entre os mortos; e a sua irmã Marta (João 12:2).

Maria, que também era irmã de Lázaro e de Marta (João 11), provavelmente não tinha sido convidada para a festa, mas veio na mesma. Enquanto os homens se reclinavam e ouviam Jesus, eu imagino Maria por perto, à espera do momento certo. Talvez esse momento tenha chegado quando Jesus fez uma pausa, a meio de uma frase, e ela quebra o frasco de pedra. O aroma enche imediatamente a sala. Talvez Ele tenha parado de falar à medida que o unguento se espalha sobre a Sua cabeça e sobre os Seus pés. Depois, Ele sente as lágrimas de gratidão de Maria e o seu longo cabelo sobre os Seus pés descalços.

As palavras cortantes de Judas quebram o silêncio: “Por que não se

vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?” (João 12:5).¹ Simão, o anfitrião, também “disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora” (Lucas 7:39). As murmurações dos outros discípulos também não passaram despercebidas a Jesus, dado que eles a criticavam severamente (Marcos 14:5). Talvez Maria também aguardasse a censura de Marta, interrogando-se se não deveria desaparecer silenciosamente.² Nesse momento, mais alguém valorizou a sua oferta, para além de Jesus? Parece que não.

Subitamente, Jesus declara: “Deixai-a! Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem; porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes” (João 12:7 e 8).

As pessoas daquele tempo usavam o nardo para unguir os mortos e Maria tinha ouvido Jesus falar sobre a Sua morte iminente. Ela queria dar-lhe algo que mostrasse o quanto ela O amava, pois Ele tinha transformado a sua vida. Para além das ofertas dos magos, esta fora a exibição mais extravagante de honra demonstrada a Jesus enquanto Ele estava vivo na Terra. José de Arimateia e Nicodemos levaram especiarias caras para unguir o corpo frio e sem vida de Jesus no sepulcro. As mulheres também trouxeram especiarias na madrugada de domingo, apenas para descobrirem que Ele tinha ressuscitado. Mas a oferta de Maria era diferente, porque ela ofereceu-a enquanto Ele estava vivo.

Sendo um grande sacrifício e uma forte prova da sua fé em Jesus, expressava o amor, a gratidão e a devoção dela. Mas não só isso, pois mal sabia ela que o seu ato de bondade O encorajaria quando tivesse de enfrentar a viagem solitária e amarga para a cruz. “E, ao baixar às trevas da Sua grande prova, levou Consigo a lembrança desse ato, penhor do amor que os Seus remidos Lhe votariam para sempre.”³ O ato de Maria representava o amor profundamente sentido que, um dia, poderemos expressar quando virmos Jesus face a face.

Embora as ações de Maria parecessem desadequadas e estranhas, é ela quem nos mostra o verdadeiro amor, devoção e honra a Jesus. O seu ato ecoaria ao longo dos tempos, tal como Jesus declarou em Marcos 14:9: “Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.” O próprio facto de estarmos agora a refletir sobre isto é um cumprimento da Sua profecia. Também nos diz que, ao pregarmos o Evangelho, devemos reparar no tipo de amor que Maria tinha por Jesus.

“Foi Maria que se sentou aos pés de Jesus para *aprender* d’Ele. Foi ela que *derramou* na Sua cabeça o precioso unguento e *lavou* os Seus pés com as suas lágrimas. *Esteve* ao pé da cruz e *seguiu*—O até ao sepulcro. Foi a primeira a *chegar ao sepulcro*, depois da Sua ressurreição. A primeira a *proclamar* o Salvador ressuscitado.”⁴ Maria expressou o seu amor pelo seu Salvador em cada um destes momentos porque ela *conhecia* Jesus pessoalmente e nada a podia impedir de adorar o seu Senhor.



O ato de Maria representava o amor profundamente sentido que, um dia, poderemos expressar quando virmos Jesus face a face.

Amo eu Jesus assim?

Ao estudar esta história, um pensamento avassalador assaltou-me: Eu quero amar Jesus como Maria amou! Eu quero dar-Lhe algo extravagante para mostrar que Ele é tudo para mim! Mas o que Lhe poderia eu dar? Foi então que percebi. A maior oferta que posso oferecer a Jesus é o meu amor e a minha vida ao Seu serviço. Ele deu a Sua vida por mim e eu posso dar a minha vida por Ele.

Como crente fiel, talvez possa refletir sobre se a oferta da sua vida, do seu amor e do seu serviço a Deus é tão vigorosa hoje como foi no passado.

É fácil pressupor que amamos Jesus, mas, por vezes, temos tendência a ficarmos tão ocupados com as coisas que fazemos que tudo se pode transformar numa rotina. O nosso compromisso passado ou o nosso amor passado podem enfraquecer mesmo quando O servimos. Não há melhor ocasião do que hoje para nos ajoelharmos de novo aos Seus pés em adoração!



Quanto está disposto a sacrificar? Quão profunda é a sua relação com Deus? Quanto tempo emprega na oração, no estudo, no serviço e na visitação? Quantos estudos bíblicos está a realizar neste momento? Está a orar pelos seus vizinhos e a visitá-los? Está a participar no serviço e na missão da sua igreja?

Contemple-O

Para adorarmos Jesus, devemos contemplá-l’O. Podemos conhecer a verdade e ter levado outros a Deus, mas talvez já tenha passado algum tempo desde que tomámos tempo para *realmente* contemplá-l’O. Não podemos sentar-nos fisicamente aos pés de Jesus, nem ver a Sua face, pelo que o melhor modo de O contemplar é encontrá-l’O na Sua Palavra viva, a Bíblia, enquanto pedimos ao Espírito Santo para nos ajudar a permanecer em Jesus. “Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede

por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis” (Romanos 8:26). Nós podemos contemplar Jesus hoje, e todos os dias, se Lhe dermos parte do nosso tempo.

Adore-O

Quando contemplamos Jesus e conhecemos o Seu amor e o Seu perdão na nossa vida, a adoração é a nossa resposta natural. Eis algumas formas de podermos expressar-Lhe a nossa adoração:

Aproxime-se. Jesus aproximou-Se de Maria quando a libertou dos sete demónios, transformando a sua vida para sempre. Como membro da sua comunidade, a sua vida foi mudada por Jesus, mas está agora mesmo perto d’Ele? É muito fácil ser como Simão: Convidar Jesus para um evento ao mesmo tempo que se esquece de O honrar ou de mostrar o seu profundo amor por Ele. O seu ministério ao serviço de Cristo terá muito mais impacto quando “vier” aos pés de Jesus antes de “ir” alcançar outros. “Quem perma-



nece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (João 15:5).

Mantenha-se próximo. Note que Maria permaneceu próxima de Jesus, independentemente do que outros dissessem dela. Há agora alguém que está a tornar difícil o seu ministério em favor de Cristo? Lembre-se que, ao manter-se próximo de Jesus, os seus fardos tornar-se-ão mais leves e Deus guiará os seus passos. Como Maria, pode manter-se firme no seu amor por Jesus. “Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor” (João 15:9).

Dê a Jesus. Maria sacrificou tanto para expressar o seu amor por Jesus. Ao trabalharmos para Jesus, estamos dispostos a dar mais por Ele? Precisamos de abrir as mãos e deixar de nos agarrar a algo que temos guardado para nós mesmos e entregar tudo a Ele?

Seja fiel. Jesus é o seu primeiro amor. Quer enfrente provações, perseguição ou outras dificuldades no seu ministério, não fique desencorajado, nem esconda a sua fé ou o seu amor por Jesus. Maria foi a única pessoa naquela sala que verdadeiramente expressou o seu amor por Jesus, e Ele

defendeu-a. Ele também o defenderá quando enfrentar desafios. Ore para que, um dia, possa ouvir as palavras: “Muito bem, servo bom e fiel. [...] Entra no gozo do teu senhor” (Mateus 25:21). Seja fiel, pois Ele é sempre fiel.

Um dia, muito em breve, veremos uma pequena nuvem no céu oriental e saberemos que é Ele, o nosso Salvador Jesus, Aquele para Quem vivemos, que amámos e que honrámos. Pode conceber esse momento? É simplesmente maravilhoso de mais para o imaginarmos, mas é algo garantido e verdadeiro!

“O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida” (Apocalipse 22:17). Venha agora mesmo e adore-O. Chamemos outros para virem também, porque, seguramente, Ele vem muito em breve!

1
As citações da Escritura são retiradas da tradução *Almeida Revista e Atualizada (ARA)*.

2
Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Sabugo: Publicadora SerVir, s. d.), p. 508.

3
Ibidem.

4
Idem, p. 514 (ênfase acrescentada).



Adquira já!



12€



AUTOR:
Roberto Badenas

Jesus não deixava ninguém indiferente. Todos os encontros com Ele eram decisivos. E desses encontros registados nas Escrituras, e dos seus diferentes matizes, fala o Doutor Roberto Badenas neste livro. Transmite-nos, repletas de cor e de profundidade, as vivências de pessoas cuja vida foi mudada por Jesus, o que nos faz desejar experimentar o mesmo. **No entanto, falta a história de um encontro: o seu encontro com Jesus!**

Quanto falta para evangelizar o mundo?

Uma noção realista do que falta para acabarmos a missão.



Brad Mills
Presidente da Adventist Frontier Missions

Retirado da Adventist Review de janeiro de 2026.

Dependendo do lugar do mundo onde crescemos, a visão e a compreensão acerca do Cristianismo pode variar bastante. Por exemplo, se cresceu numa cidade efervescente no Brasil, dificilmente pode sair de casa e chegar ao trabalho sem ver várias igrejas Protestantes no caminho. Para um habitante da Região Metropolitana de São Paulo (com mais de 20 milhões de pessoas) um dia normal pode ser assim: Ao sair de casa e ao caminhar até ao metro, passa por um *outdoor* que anuncia o Colégio Adventista do bairro. Quando entra no metro cheio de gente, esbarra em alguém que usa uma *t-shirt* que diz “Impacto Esperança”, com uma mensagem que proclama a vinda de Jesus para breve e com o logotipo da Igreja Adventista estampado na manga. Depois, quando sai do metro e para numa mercearia para um lanche, encontra na secção de alimentos saudáveis diversos produtos da *Superbom*, a empresa adventista. Finalmente, depois de um longo dia de trabalho, dirige-se ao médico para fazer uma rápida consulta médica. Enquanto aguarda, a televisão na sala de espera passa um programa de culinária saudável da *TV Novo Tempo*. Assim, num único dia de trabalho, teve vários

Quando o seu Pastor fala sobre testemunhar da fé e partilhar Jesus, pode sentir-se tentado a pensar que a tarefa já foi realizada. Há mesmo pessoas que nunca ouviram falar de Jesus?



contactos indiretos com a Igreja Adventista. Em algumas partes do Brasil, como em Manaus, a capital do Estado do Amazonas, há um Adventista para cada 34 habitantes.

É claro que a sua cidade pode não ser assim. Ao conduzir através de muitas cidades norte-americanas, pode não encontrar tantas igrejas adventistas espalhadas na área, mas certamente encontrará outras igrejas cristãs. Em algumas ruas poderá ver múltiplas igrejas, a curta distância umas das outras. Assim, quando o seu Pastor fala sobre testemunhar da fé e partilhar Jesus, pode sentir-se tentado a pensar que a tarefa já foi realizada. Há mesmo pessoas que nunca ouviram falar de Jesus?

Imagine que visitava uma das maravilhas do mundo – as misteriosas pirâmides do antigo Egito. Embora possa imaginá-las isoladas no deserto, a verdade é que elas estão na periferia de uma grande metrópole em crescimento. A área metropolitana do Cairo tem uma população de mais de 20 milhões de pessoas, número comparável ao de São Paulo. Durante os dias de trabalho, mais 10 a 15 milhões de pessoas saem das regiões circunvizinhas e deslocam-se

para a cidade. Isso significa que, num dia útil, é possível conviver com 30 milhões de pessoas. As ruas estão cheias de carros que buzina, motoristas aos gritos e pessoas por todos os lados. O Cairo nunca dorme.

No entanto, ao explorarmos a cidade, notamos algo muito diferente de São Paulo. Uma enorme diferença capta a nossa atenção: Onde estão as igrejas? Sim, há uma igreja adventista no Cairo. Mas com apenas 300 membros, isso significa que, em vez de um Adventista para 34 pessoas (como em Manaus), há apenas um Adventista para 100 000 residentes. Não existem hospitais adventistas, nem *TV Novo Tempo* a proclamar o Evangelho. A possibilidade de encontrar casualmente um Adventista nesta metrópole é muito reduzida.

Assim sendo, qual é a verdadeira situação do nosso mundo? Quanto falta para evangelizar o mundo?

Povos não alcançados

As agências missionárias que analisam esta questão classificam o mundo em categorias conhecidas como “grupos étnicos” – grupos frequentemente definidos por uma língua, por uma cultura e por uma identidade partilhadas. As estimativas variam de acordo com a base de dados usada, mas a maioria concorda que há aproximadamente 17 000 grupos étnicos diferentes em todo o mundo.¹

Destes, entre 7200 e 7500 são classificados como “não alcançados”. Os povos não alcançados costumam ter menos de 5% de adeptos do Cristianismo e menos de 2% de crentes evangé-

Praticamente todas as agências missionárias concordam que mais de 40% do mundo ainda não foi alcançado. Isto significa que, dentro desses grupos étnicos, menos de 5% são cristãos.

licos.² Além disso, algumas agências missionárias acrescentam que, se um grupo não tem uma Igreja nacional forte capaz de evangelizar o resto do seu povo sem ajuda externa, também deve ser considerado não alcançado.

Quando consideramos estas definições, o resultado é chocante: cerca



de 3,5 mil milhões de pessoas – isto é, mais de 40% da população global – ainda não foram alcançadas. É importante refletir sobre isto. Praticamente todas as agências missionárias concordam que mais de 40% do mundo ainda não foi alcançado.³ Isto significa que, dentro desses grupos étnicos, menos de 5% são cristãos.

Como é que isto pode ser possível, quando, em alguns países, é quase impossível ir ao supermercado sem passar por diversas igrejas?

A maior parte das pessoas não alcançadas vive na “Janela 10/40” – uma região geográfica que vai do Norte de África, atravessando o Médio Oriente, até à Ásia.⁴ Muitos destes grupos étnicos, geralmente compostos por milhões

de pessoas, habitam em países nos quais a atividade missionária é limitada ou proibida. Para piorar a situação, apenas uma pequena fração de todos os missionários estrangeiros trabalha entre os grupos mais difíceis de serem alcançados. Por variadas e complexas razões, a maior parte das agências missionárias ainda concentra os seus obreiros entre os grupos já alcançados.

O que fazer?

Primeiro, pode tornar-se num guerreiro de oração. Abra um mapa *online*, faça *zoom* até ser capaz de ver o nome das ruas, os hospitais e as universidades nos países da “Janela 10/40” e ore por eles. Adote uma cidade específica e ore diariamente por ela. Lembre-se que Gabriel veio ter com Daniel apenas depois de 21 dias de oração, atrasado por causa do conflito espiritual com o príncipe da Pérsia. Ore para que o Espírito Santo seja derramado sobre estas cidades. Peça a Deus, de forma específica, mencionando o nome de pessoas e de lugares.

Também pode unir-se ao movimento *Mission Refocus*.⁵ A Igreja Adventista do Sétimo Dia está a rever a sua estratégia missionária, enfatizando alcançar os não alcançados. Fundos e vocações estão a ser redirecionados para a implantação de igrejas entre os grupos não alcançados. Ministérios de apoio como o *Adventist Frontier*

Peça a Deus, de forma específica, mencionando o nome de pessoas e de lugares.





Missions (AFM),⁶ também estão a enviar obreiros para comunidades ainda não alcançadas. Considere se Deus o poderá estar a chamar para ir. Ore e peça que Deus lhe mostre se está a ser preparado “para um tempo como este”, a fim de deixar o seu lar e o seu país para servir noutra lugar. Mesmo que não vá, ainda pode dar, ajudando a suportar financeiramente os missionários que estão a preparar-se para partir.

Os factos são claros: O trabalho ainda não está terminado. O próprio Deus é responsável por salvar a Humanidade, mas Ele comissionou-nos para participar nessa salvação. Jesus disse aos Seus discípulos, e a nós: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mateus 28:19 e 20).

Este é um chamado à ação. É um convite para que nos ajoelheemos e per-

guntemos a Deus: Qual é a minha parte em evangelizar os não alcançados?⁷

Jesus está prestes a voltar. Que sejamos encontrados ativos, partilhando a alegria que temos n’Ele!

1
The Traveling Team, “Mission Statistics”. Disponível em thetravelingteam.org/stats (consultado a 21 de setembro de 2025).

2
International Mission Board, “Global Research Department” (GRD). Disponível em gdr.imb.org (consultado a 21 de setembro de 2025).

3
Joshua Project, “Unreached People Groups”. Disponível em joshuaproject.net (consultado a 21 de setembro de 2025).

4
“Project 42 Partners”, Statistics. Disponível em project42partners.org/stats (consultado a 21 de setembro de 2025).

5
Adventist Mission, *Mission 360*, Vol. 12, n. 4-10. Disponível em am.adventistmission.org/m360v12n4-10 (consultado a 21 de setembro de 2025).

6
Adventist Frontier Missions (AFM), disponível em afmonline.org (consultado a 21 de setembro de 2025).

7
Global Frontier Missions, “What is a UPG?”. Disponível em globalfrontiermissions.org/missions-10/the-unreached-peoples-and-their-role-in-the-great-commission (consultado a 21 de setembro de 2025).

Um Deus zangado?

Repensar alguns mitos
sobre a ira de Deus.



John Peckham
Teólogo

*Retirado da Adventist
Review de junho de 2024.*

A minha cabana de brincar feita de pequenos toros de plástico era uma obra de arte. Pelo menos, era o que eu achava, sentado na sala da casa da minha avó, quando era criança. Quando me levantei para mostrá-la, pisei, acidentalmente, a pequena cabana da minha irmã, desfazendo-a em pedaços.

Ela correu para a avó, queixando-se de que eu tinha destruído a sua cabana. Não percebendo que tinha sido um acidente, a nossa avó autorizou a minha irmã a destruir a minha cabana, o que ela fez.

Eu fiquei zangado. Não apenas porque a minha cabana tinha sido destruída, mas porque eu tinha sido culpado e punido por um acidente. Para mim, era algo profundamente injusto.

Assim, eu decidi fazer justiça pelas minhas mãos. Saí de casa e derrubei todas as mobílias de jardim da minha avó. Como me arrependi, mais tarde!

Eu exagerei na minha reação. A minha ira dominou-me. A ira humana é tipicamente assim – injusta, egoísta e exagerada.

Mas a ira de Deus é muito diferente.

Entretanto, alguns acreditam que, dado que Deus é amor (I João 4:8 e 16), Ele *nunca* se ira. Será que é assim? O que fazer, então, com as descrições bíblicas da ira de Deus?

O Deus da ira do Antigo Testamento *versus* o Deus de amor do Novo Testamento?

Talvez já tenha ouvido falar do mito comum de que “o Deus do Antigo Testamento” é um Deus de ira, enquanto que o Deus do Novo Testamento

é um Deus de amor. Isto é falso. O Deus do Novo Testamento é o mesmo Deus do Antigo Testamento. Ambos os Testamentos ensinam que Deus é amor – “Mas tu, Senhor, és um Deus cheio de compaixão, e piedoso, sofredor, e grande em benignidade e em verdade” (Salmo 86:15).

Então, o que dizer das descrições da ira de Deus na Bíblia?

Suponha que uma mãe vê um homem a atacar ferozmente a sua filha de três anos. Será que ela se deveria irar? Claro que sim. Tal ira é designada como ira *justa* – a resposta boa e justa do amor contra o mal.

A injustiça deste exemplo não é nada perante os grandes males que os seres humanos têm cometido uns contra os outros ao longo das eras, incluindo atrocidades como sacrifícios de crianças (II Crónicas 33:6) e muitas outras semelhantes.

Porque Deus ama profundamente, estes e outros males provocam a Sua ira intensa, mas sempre apropriada. O mal ira Deus porque o mal fere sempre pelo menos uma pessoa que Deus ama, mesmo quando esse mal é autoinfligido.

Isto não é algo limitado ao Antigo Testamento. O Novo Testamento

O Deus do Novo Testamento é o mesmo Deus do Antigo Testamento. Ambos os Testamentos ensinam que Deus é amor.



também exhibe, repetidamente, a ira divina em resposta ao mal.

Por exemplo, Jesus “expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas”, declarando que eles estavam a fazer da casa de Deus “um covil de ladrões” (Mateus 21:12 e 13). Aqui e noutros lugares, Jesus demonstrou uma profunda indignação justa contra aqueles que usavam a casa de Deus para explorar os pobres, as viúvas e os órfãos.

A resposta de Cristo nesta e noutras ocasiões (veja Marcos 3:5; 10:14) espelha o modo como Deus reage ao mal no Antigo Testamento. O próprio Jesus ensinou repetidamente sobre a ira e o juízo de Deus contra o mal (*e.g.*, João 3:36), chegando mesmo a atribuir a Si próprio a realização deste juízo (*e.g.*, Mateus 13:41 e 42; cf. 8:12; 10:28; 22:5 e 6, 13; 23:16-33; 24:50 e 51; 25:41-43; Lucas 13:28).

Noutra parte do Novo Testamento, Paulo ensina: “Porventura será Deus injusto, trazendo ira sobre nós? (Falo como homem.) De maneira nenhuma: de outro modo, como julgará Deus o mundo?” (Romanos 3:5 e 6; cf. Romanos 12:19; Hebreus 10:30).

A ira do chamado “Deus do Antigo Testamento” é espelhada por Jesus e é expressa noutras partes do Novo Testamento. No entanto, em ambos os Testamentos, a ira de Deus é a ira do amor – a resposta apropriada do amor contra o mal e contra o dano que o mal inevitavelmente inflige aos filhos de Deus.

Deus traz continuamente juízo sobre o Seu povo?

Isto traz-nos a um segundo mito: A ideia comum de que Deus está sempre zangado e de que continuamente traz juízos sobre os homens. Na verdade, em contraste, as Escrituras ensinam que Deus é inexcedivelmente paciente e compassivo.

As Escrituras contêm inúmeros exemplos da ira e do juízo de Deus. Contudo, uma análise da cronologia bíblica mostra que, frequentemente, passam-se longas eras entre esses episódios. De facto, Deus muitas vezes faz vista grossa aos males cometidos pelas pessoas durante séculos!

O povo da Aliança de Deus cometeu repetidamente males horríveis, que “provocaram” Deus à ira (Deuterónimo 9:7; cf. 32:16, 21). Tal como

diz o Salmo 78:40: “Quantas vezes o provocaram no deserto, e o ofenderam na solidão!” (cf. o versículo 58; Isaías 63:10; I Coríntios 10:5).

Com efeito, o seguinte ciclo de rebelião surge repetidamente, no qual:

- O povo de Deus revolta-se e comete males horríveis, infringindo a Aliança e rejeitando Deus.
- Deus retira-Se, em sintonia com a Sua rejeição pelo Seu povo.
- As nações vizinhas oprimem o povo de Deus.
- O povo clama a Deus por socorro.
- Deus ouve e salva graciosamente o Seu povo.
- O povo revolta-se novamente, de um modo pior do que antes (veja o Salmo 78; Neemias 9).

Por meio destes ciclos, Deus permanece fiel – como um pai amoroso e paciente cujos filhos se revoltam constantemente (veja Deuteronómio 32:5, 18) ou como um marido devoto cuja mulher segue os seus amantes (veja Oseias 1-3; Isaías 62:4).¹

Veza após veza, Deus foi ao encontro da infidelidade do Seu povo com misericórdia paciente que excedeu em muito qualquer expectativa razoável. Por exemplo, depois do povo se ter revoltado no episódio do bezerro dourado, “Deus teria sido ‘justo’ se houvesse acabado com aquele povo rebelde. No entanto, Ele continuou a amá-lo, a guiá-lo e a salvá-lo (Êxodo 32:10; 33:5).”²

Mais tarde, apesar de séculos de ciclos repetidos de rebelião, Deus continuou a estender a sua compaixão (Neemias 9:7-33). Deus “que é misericordioso, perdoou a sua iniquidade,

e não os destruiu; antes, muitas vezes desviou deles a sua cólera, e não deixou despertar toda a sua ira” (Salmo 78:38).

Passaram longos períodos entre juízos e Deus repetidamente enviou profetas para chamar o Seu povo de volta para Si, mas o povo não escutou (veja Jeremias 35:14-17). Isto afligiu profundamente Deus, que clamou: “Mas o meu povo não quis ouvir a minha voz, e Israel não me quis. Pelo que, eu os entreguei aos desejos dos seus corações, e andaram segundo os seus próprios conselhos. Ah! Se o meu povo me tivesse ouvido!” (Salmo 81:11-13; cf. Oseias 11:8 e 9). Muito mais tarde, Jesus também clamou: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!” (Mateus 23:37).



É a ira o oposto do amor?

A ira humana é frequentemente incompatível com o amor (veja Mateus 5:22; I Coríntios 13:4-7; Gálatas 5:20; Tiago 1:19 e 20). No entanto, a indignação justa de Deus é diferente.

A ira humana costuma exagerar na sua reação, mas a ira de Deus é sempre a resposta perfeita do amor contra o mal, tendo em vista o melhor bem possível para todos.

Ao longo de toda a Escritura os profetas de Deus anseiam pela vinda do juízo de Deus, porque ele traz consigo a libertação das vítimas do mal. Em contraste com o modo como o juízo é frequentemente visto hoje, os autores bíblicos costumam perguntar por que razão Deus não traz o juízo mais rapidamente a fim de corrigir os males mais cedo, clamando: “Até quando, Senhor?”

Quando Deus trouxe efetivamente o juízo, Ele disciplinou o povo para bem deles “por fim” (Deuteronómio 8:16), tal como um bom pai disciplina amoravelmente os seus filhos (Deuteronómio 8:5; cf. Hebreus 12:10). “Porque o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem” (Provérbios 3:12; cf. Apocalipse 3:19).

Quando Deus aplica o juízo, Ele “não aflige, nem entristece de bom grado” (Lamentações 3:33) e apenas o faz quando “não há remédio” (II Crónicas 36:16). Deus não tem “prazer na morte do que morre” (Ezequiel 18:32). E no decurso dos muitos ciclos de rebelião “muitas vezes desviou deles a sua cólera” (Salmo 78:38) por longos períodos, provendo um caminho de

Vez após vez, Deus foi ao encontro da infidelidade do Seu povo com misericórdia paciente que excedeu em muito qualquer expectativa razoável.

redenção para todos os que quisessem (veja Salmo 81:11-14; Mateus 23:37).

Assim, o próprio Deus pergunta: “Que mais se podia fazer à minha vinha, que eu lhe não tenha feito?” (Isaías 5:4).

Alguns acham que a forma como Deus lidou com o Seu povo no deserto (e depois dele) foi severa, mas a disciplina amorável de Deus aplicada ao Seu povo deve ser compreendida no contexto da situação que o povo enfrentava.

Depois de serem retirados do Egito, o povo escolhido de Deus ficou rodeado de perigos. Eles estavam no deserto, com pouca comida e pouca água, no meio de cobras venenosas e outros perigos, e as nações circundantes queriam destruí-los. Sem a proteção e a sustentação especial de Deus, eles *não tinham qualquer esperança de sobreviver*.

E, se não fossem eliminadas, as más ações deles acabariam por separá-los da proteção especial de Deus. As suas más ações eram, literalmente, uma ameaça existencial para a nação.

Pense nisto: Por que razão é um assunto tão sério desobedecer às instruções de uma hospedeira num avião, sendo que essas instruções podem ser desconsideradas sem consequências na rua? É por causa do perigo superior

A ira de Deus não continua para sempre. É a resposta temporária do amor perante o mal. Mas onde não há mal, não há ira.

para todos no avião, cuja segurança depende da tripulação de voo.

Israel estava numa situação semelhante. Assim, as leis de Deus e o modo como Ele governou o povo tinham como objetivo impedir a destruição de Israel pelas nações circundantes ou por outros perigos – destruição que certamente ocorreria se o inimigo tivesse sucesso em separar o povo de Deus do Senhor. Assim, muito frequentemente, Deus disciplinou o povo para o impedir de, digamos, se precipitar de um penhasco.

No entanto, eventualmente, o povo pressionou tanto Deus que a Sua proteção especial tinha de ser retirada. O povo de Judá persistentemente provocou “à ira o Deus dos céus”, de tal modo que Deus eventualmente retirou-Se e o entregou “na mão de Nabucodonosor” (Esdras 5:12; veja também Juízes 2:13 e 14; Salmo 106:41 e 42; Jeremias 38:18; Neemias 9:30). Deus retirou-Se apenas depois de os membros do povo terem desprezado, durante muitos anos, “as suas palavras” e zombado “dos seus profetas” que foram enviados para os alertar e para lhes dar uma via de escape, até “que mais nenhum remédio houve” (II Crônicas 36:16). Entretanto, Deus fez tudo o que pôde pelo Seu povo (veja Isaías 5:3 e 4).

Nesta e noutras ocasiões, Deus trouxe juízos apenas quando não tinha alternativas preferíveis disponíveis (dados todos os fatores) e apenas depois de avisar e de oferecer uma rota de escape (*e.g.*, Jeremias 38:2).

Contudo, a ira de Deus não continua para sempre. É a resposta temporária do amor perante o mal. Mas onde não há mal, não há ira. Mais ainda, a compaixão de Deus excede a sua ira – “Porque não passa de um momento a sua ira; o seu favor dura a vida inteira” (Salmo 30:5, *ARA*; cf. Êxodo 34:6; Juízes 10:16; Lucas 13:34).

O amor exige a justiça e Deus ama a justiça (Salmo 33:5; Isaías 61:8; Jeremias 9:24; cf. Lucas 11:42). Mais uma vez, Deus despreza o mal porque o mal fere sempre os filhos de Deus, mesmo quando é autoinfligido. Na próxima vez que pensar na ira de Deus, imagine um pai compadecido ou uma mãe compadecida que chora pelo mal feito aos seus filhos. Este é o fundamento e a origem da ira de Deus – o mal e o dano que este traz aos Seus amados filhos.

Tudo o que Deus faz é sempre baseado no amor. A ira de Deus não é o oposto do amor. É a resposta final do amor – sempre e apenas em resposta ao mal e tendo por fim fazer o bem a todos.

1

Tal como William L. Lane nota, “a ira de Deus (cf. Números 14:11, 23, 43) não foi despertada por um único incidente, mas por uma tendência persistente em recusar a Sua orientação” (*Hebrews 1-8* [Dallas: Word, 2002], p. 86).

2

Mervin Breneman, *Ezra, Nehemiah, Esther* (Nashville: B&H, 1993), p. 241.



Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt/podcasts/gravado-na-pedra



GRAVADO NA PEDRA

À procura de Daniel
nos arquivos de
Babilónia

Todos sabemos que Daniel e os seus companheiros, Ananias, Misael e Azarias, quando chegaram a Babilónia, passaram a ter outros nomes, respetivamente, Beltesazar, Sadraque, Mesaque e Abed-Nego (Dan. 1:7). Esta mudança de nome assume um papel fundamental na narrativa.

Contudo, ao longo do texto bíblico, os nomes estrangeiros surgem apenas nos episódios de interação direta com as autoridades babilónicas, especialmente com Nabucodonosor. Pelo contrário, sempre que o relato decorre em privado e em contexto teológico, são sistematicamente utilizados os seus nomes de infância (Dan. 2:17).

O autor do livro parece demonstrar uma aversão pessoal pelos nomes babilónicos, usando-os apenas quando é absolutamente necessário. Este padrão é particularmente notório na figura de Daniel, cujo antropónimo hebraico aparece de forma esmagadora ao longo do livro (72 vezes), enquanto que o seu equivalente babilónico, Beltesazar, é usado apenas dez vezes e em contextos oficiais (Shea, 1988: 72).

Se analisarmos etimologicamente o nome caldeu Abed-Nego, atribuído a Azarias, podemos obter pistas que ajudam a compreender a origem do nome Beltesazar. *Abed* é uma palavra semita que significa “servo”, surgindo frequentemente em antropónimos babilónicos do tipo “servo do deus X”, característicos do século VI a.C.. Neste caso, *Nego* deveria corresponder ao nome de uma divindade. Contudo, este teónimo não é conhecido no panteão local, o que tem levado alguns autores a considerar que se trata de

uma distorção deliberada do nome do deus caldeu da escrita e da sabedoria *Nebo* ou *Nabu*. Em vez de usar a letra *beth* (“B”), com a qual este nome era normalmente escrito, teria sido aplicada a letra seguinte do alfabeto, *gimmel* (“G”), produzindo assim a corrupção intencional de Nego (Shea, 1982: 48).

A pequena adulteração do nome original Abed-Nebo parece ser o resultado de uma tentativa de dissimular a referência a uma divindade pagã, dado que o autor bíblico não considerava apropriado que um servo de *Yahweh* tivesse um nome associado a cultos babilónicos, pelo que o teónimo terá sido deliberadamente modificado. E se isto aconteceu com o nome de Abed-Nego, é plausível admitir que o mesmo processo se verificou no nome Beltesazar.

Revela-se particularmente interessante constatar que o príncipe Bel-sazar, filho do rei Nabonido, no capítulo 5, nunca pronuncia o nome babilónico de Daniel. Apenas a rainha-mãe



Fig. 1 - Um tijolo descoberto na Babilónia com uma inscrição do rei Amel-Marduk (©Staatliche Museen zu Berlin. Foto de Robert Koldewey, 1911).

o menciona no verso 12. O governante, ao dirigir-se a ele, limita-se a dizer: “És tu aquele Daniel, um dos filhos dos cativos de Judá, que o rei, meu pai, trouxe de Judá?” (5:13).

Uma explicação possível para isso é que os dois nomes são muito semelhantes. Na verdade, como veremos a seguir, eram praticamente iguais. Assim, se o sábio hebreu que se apresenta diante de Belsazar tivesse o mesmo nome que o próprio regente, seria natural que Belsazar evitasse utilizar o nome babilónico, por discrição ou para não causar confusão, recorrendo ao seu antropónimo hebraico original.

Portanto, ao contrário de Belsazar (*Bel-sarra-usur*), cujo significado em língua acádia é “o deus Bel proteja o rei”, há algo de estranho no nome babilónico Beltesazar atribuído a Daniel (Shea, 1988: 75). Como ambos partilham o elemento final “*sazar*” (que significa “proteja o rei”) a única divergência está no prefixo divino que o antecede.

No caso de Beltesazar, a primeira parte foi escrita com três consoantes: “b.l.t.” e nenhuma divindade babilónica é conhecida por este nome. No capítulo 4:8, Nabucodonosor afirma que Daniel passou a chamar-se “segundo o nome do meu deus”, ou seja, Marduke, o deus nacional da Babilónia, também designado pelo seu apelativo divino “*Bel*”, que significa “Senhor”. Assim, não há qualquer justificação para o uso da forma textual “*Belte*”.

O que parece ter acontecido é que, no texto bíblico, o nome deste deus foi alterado pelo acrescento da letra *teth* (“T”), sem qualquer justificação, adulterando o nome que Daniel partilhava

com o filho de Nabonido. E, tal como ocorreu com o nome do deus Nabu em Abed-Nego, que foi deliberadamente corrompido, o nome Beltesazar sofreu uma distorção intencional no livro de Daniel.

Portanto, se Daniel se chamava, de facto, Belsazar, nome que lhe teria sido dado pelo rei Nabucodonosor, é possível que este nome também apareça em inscrições babilónicas da época, e estejam a ser interpretadas erradamente pelos investigadores como referências ao último regente da Babilónia, quando estão, na realidade, a referir-se ao próprio Daniel.

Existem, de facto, dois textos que mencionam um “Belsazar” em contextos claramente distintos das demais referências documentais conhecidas sobre o príncipe regente.

O primeiro deles encontra-se na coleção de textos babilónicos da Universidade de Yale (n.º YBC 3765) e foi publicado por Raymond Dougherty em 1929. É uma tabuinha datada do ano de ascensão de Neriglissar ao trono da Babilónia (560 a.C.), o rei que sucedeu ao filho de Nabucodonosor.

A inscrição é bastante simples e diz o seguinte: “*Relativamente a uma mina e dezassete siclos de prata, divididos em unidades de um siclo, que pertencem a Belsazar, principal oficial do rei, e que foram debitados a Rimut, filho de Enlil-kidinnu, mas que provém de Nergal-danu, filho de Mukin-zer, destinados à estrada; tudo o que ele vier a ganhar com isso, metade do lucro deverá ser partilhada com Nergal-danu.*”

Trata-se de uma transação económica entre o principal oficial do

rei, de nome Belsazar, e um indivíduo chamado Nergal-danu. Não existem evidências de que o futuro príncipe e regente babilônico, referido no capítulo 5 de Daniel, tivesse exercido anteriormente o cargo de oficial do rei Neriglissar (Dougherty, 1929: 68). O que sabemos sobre a carreira de Belsazar é que ele se tornou príncipe herdeiro quando o seu pai Nabonido ascendeu ao trono e, mais tarde, assumiu o cargo de regente da Babilônia, durante a ausência paterna. Este percurso segue um desenvolvimento natural de ascensão política. Porém, encontrá-lo como funcionário real dois reinados antes do pai ascender ao trono implicaria uma promoção prematura. No mínimo, seria de esperar que o seu pai, Nabonido, tivesse alcançado primeiro esse nível, antes dele próprio.

Por outro lado, neste documento cuneiforme, apenas o nome do pai deste oficial chamado Belsazar não é identificado, ao contrário dos outros dois mencionados no texto. Se, de facto, se tratasse de Belsazar, filho de Nabonido, seria de esperar que a sua filiação estivesse registada.

Existe, portanto, uma forte possibilidade de que o Belsazar referido como principal oficial do rei Neriglissar, no ano da sua ascensão ao trono (560 a.C.), não seja o mesmo indivíduo que, mais tarde, se tornou regente da Babilônia (553 e 539 a.C.).

Mas existe outra inscrição mencionando um Belsazar, guardada no Museu Arqueológico de Florença e publicada por Konrad Oberhuber, em 1960. Esta inscrição é alguns meses mais antiga que a anterior e foi datada



Fig. 2 – Ruínas do palácio dos reis Nabucodonosor e Amel-Marduk, fotografadas em 1932 (©Library of Congress. Domínio Público).

do final do reinado de Amel-Marduk (560 a.C.), filho e sucessor imediato do rei Nabucodonosor, que reinou apenas dois anos e foi assassinado.

Este monarca é referido duas vezes na Bíblia como Evil-Merodaque (II Reis 25:27-30 e Jer. 52:31-34), onde se destaca que foi especialmente bondoso com o rei exilado de Judá: “Evil-Merodaque, rei de Babilônia, no ano em que reinou, levantou a cabeça de Joaquim, rei de Judá, tirando-o da casa da prisão.”

Voltando ao documento, uma vez mais, este Belsazar é identificado apenas pelo seu título administrativo, sem qualquer referência à sua filiação, e ficamos a saber que já exercia este cargo no reinado anterior.

Na sua revisão do texto desta tabuinha de Florença, John Brinkman referiu-se a ela como contendo a mais antiga referência conhecida ao filho de Nabonido, mas alertou que poderia igualmente tratar-se de outro Belsazar diferente, com o mesmo nome (1966: 208).

Assim, com base nestes dois documentos administrativos, supõe-se que existiu outro Belsazar para além daquele que deixou Babilônia cair nas mãos dos Medo-Persas. Este indivíduo teria desempenhado cargos

oficiais importantes nos reinados de Amel-Marduk (filho de Nabucodonosor) e Neriglissar.

Na verdade, Daniel ocupou uma posição de destaque no governo de Nabucodonosor (Dan. 2:48). Por esse motivo, seria um candidato natural para assumir responsabilidades semelhantes na corte do seu filho Amel-Marduk, embora isso não tenha ficado registrado no livro de Daniel.

Considerando que este monarca acabou assassinado, como já referimos, é provável que Belsazar tenha sido destituído do cargo no início do reinado de Neriglissar. Depois disso, não há qualquer outro registo deste Belsazar na documentação cuneiforme.

Nenhum investigador, além de William Shea, defende a hipótese de que Belsazar, o principal oficial de Amel-Marduk, corresponda a Bel(te) sazar do livro de Daniel. A maioria dos estudiosos assume que o príncipe

Belsazar era quem desempenhou estes cargos oficiais, dez anos antes de se sentar no trono como regente em substituição do seu pai (Dougherty, 1929: 68). Contudo, se Daniel ocupou cargos tão importantes na Babilônia, seria de esperar que o seu nome aparecesse em documentação administrativa contemporânea, refletindo o exercício dessas funções. Neste contexto, é possível e até fascinante considerar que este Belsazar, cuja filiação não é mencionada por ser um estrangeiro, poderia ter sido o próprio profeta Daniel.

Para terminar, é interessante notar que, no seu livro *Antigüedades Judaicas*, escrito no século I d.C., o historiador Flávio Josefo se refere ao rei Belsazar como “Baltazar” (1997, L.X, 229 e 239). Este é o nome que a tradição cristã tardia atribuiu a um dos reis magos que visitou Belém, que deriva precisamente do babilónico Belsazar ou da versão hebraica censurada Beltesazar. Se os reis magos vinham do Oriente, provavelmente da Babilônia, alguém julgou que talvez um deles se chamasse Baltazar. Este caso exemplifica como a memória do personagem bíblico foi adaptada linguisticamente para se integrar no imaginário cristão posterior, preservando ao mesmo tempo uma ligação ao seu contexto original.



Fig. 3 – O cilindro cuneiforme onde vem registado o nome do príncipe Bel-sarra-Usur, filho de Nabonido (©British Museum. Nº 91125).

Bibliografia:

BRINKMAN, John A. (1966) – “Neo-Babylonian Texts in the Archeological Museum at Florence”. *Journal of Near Eastern Studies*. 25:3, pp. 202-209.

DOUGHERTY, Raymond Philip (1929) – “Nabonidus and Belshazzar”. *A Study of the Closing Events of the Neo-Babylonian Empire* [Yale Oriental Series Researches; 15]. Yale University Press.

GRABBE, Lester L. (1988) – “The Belshazzar of Daniel and the Belshazzar of History”. *Andrews University Seminary Studies*. 26:1, pp. 59-66.

JOSEFO, Flávio (1997) – *Antigüedades Judías*. Libros I-XI. Edición de José Vara Donado. Akal Clásica.

SHEA, William H. (1982) – “Nabonidus, Belshazzar, and the Book of Daniel: An

Update”. *Andrews University Seminary Studies*. 20:2, pp. 133-149.

SHEA, William H. (1982) – “Daniel 3: Extra-Biblical Texts and the Convocation on the Plain of Dura”. *Andrews University Seminary Studies*. 20:1, pp. 29-52.

SHEA, William H. (1988) – “Bel(te)shazzar Meets Belshazzar”. *Andrews University Seminary Studies*. 26:1, pp. 67-81.



José Colaço

Entrevistado por Ezequiel Duarte



Assista em [youtube.com/@NovoTempoPortugal](https://www.youtube.com/@NovoTempoPortugal)

Hoje, na entrevista Olhos nos Olhos, encontramos um homem difícil de catalogar. Gestor, contabilista, empresário, evangelista, aventureiro, mas sobretudo um homem de ação. Viveu em três continentes, atravessou países de mochila às costas. Nasceu em Serpa e cresceu entre mudanças, regressos e recomeços. Viveu em Angola, em Portugal e no Brasil. Percorreu a América do Sul nos anos 80, chegou às portas do campo base do Everest e hoje soma milhares de pessoas que o seguem diariamente no projeto Dois Minutos com Ele. Mas por trás do viajante, do voluntário, do comunicador e do homem de fé, está uma história familiar intensa, feita de resiliência, cartas escritas à mão, sonhos interrompidos e escolhas corajosas. José Manuel Pereira Colaço é o nosso convidado hoje.

ED: Vamos começar pela década de 50. Nasceste nos anos 50, a tua infância terá sido nos anos 60 em Portugal, em Serpa, não é? Ou foste muito cedo para Angola?

JC: Em Serpa só nasci. A minha mãe fez o parto no hospital de Serpa. Nós vivíamos numa aldeia chamada Vales Mortos, que fica entre Serpa e a Mina de São Domingos, no Alentejo profundo, praticamente a cerca de 18 quilómetros da fronteira com Espanha. O meu pai já tinha ido, em 1961, para Angola. Em 1964, eu, a minha mãe e o meu irmão fomos ter com o meu pai. Chegámos a Luanda. Ficámos em casa do patrão do meu pai. Depois saltitámos muito enquanto vivemos em Angola, porque o meu pai

trabalhava na construção de estradas e durante os primeiros anos vivemos em diversas localidades, conforme o trabalho dele. Depois, quando chegámos aos oito anos, os meus pais decidiram que era mais estável para a nossa educação ficarmos num único lugar. Fomos então para o Lobito, mas o meu pai continuou a trabalhar em diversos lugares. Em Angola vivi no Lobito, vivi em Henrique Carvalho e vivi na Gabela.

ED: Qual é o maior ensino da tua mãe de que te recordas? Tinhas uma relação muito próxima com ela?

JC: Eu digo muitas vezes que o meu percurso de vida foi muito marcado por mulheres. E uma delas foi a minha mãe. Ela marcou-me, sobretudo, pelo seu percurso de fé e pelo seu percurso de oração. Durante quarenta anos ela orou pela conversão do meu pai e fez jejum todos os Sábados. Portanto, muitas das coisas positivas que me aconteceram foram fruto das orações da minha mãe. E uma das coisas que me inspira especialmente é este espírito de missão que ela tinha.

ED: Ficaram até que ano em Angola?

JC: Eu e o meu irmão regressámos em 1975, um pouco antes da independência de Angola. Chegámos a Portugal no dia 23 de outubro de 1975. Tinha quase 18 anos. Inicialmente fiquei a morar na Quinta do Conde, em casa de uma tia.

Depois de ter estado perto de Lisboa, em casa da minha tia, fui para o Alentejo, para Vales Mortos, para a

Muitas das coisas positivas que me aconteceram foram fruto das orações da minha mãe. E uma das coisas que me inspira especialmente é este espírito de missão que ela tinha.

casa de uma outra tia. Ali foi terrível, foi um inverno difícil.

ED: Como é que surge a ideia de ires para o Brasil?

JC: Novamente aparece uma mulher. Mas também aparece a minha mãe. Em Angola eu tinha começado a namorar com uma colega do colégio, a Alcina. Quando vim para Portugal perdi o contacto com ela. Aquilo que os olhos não veem, o coração não sente, como a minha mãe muitas vezes dizia. Nunca mais me preocupei com a moça. Depois de a minha mãe ter vindo, em 1976, nós ficámos a viver na zona da Almada.

No primeiro ano, procurei por trabalho. Mas para um garoto com 18 anos, num país que tinha recebido uma avalanche de pessoas vindas das colónias, era extremamente difícil encontrar trabalho. Consegui entrar num colégio em Almada, colocado pelo Ministério da Educação. Em 1976, retomei o contacto com uma outra amiga que tinha sido minha colega em Angola, no colégio. Ela deu-me o contacto da Alcina. Esta tinha ido de Angola para a África do Sul e da Áfri-

ca do Sul para o Brasil. Começamos a trocar correspondência, até que chegou um ponto em que eu disse: “Eu não vejo futuro para o nosso relacionamento. Tu estás aí e eu estou aqui.” E aqui começa a pressão da minha mãe. “Se tu fores ao Brasil, podem reatar. Ela é uma moça da igreja, pode ser um bom futuro para ti.” E a minha mãe começou a insistir comigo. Eu aceitei a proposta da minha mãe e, em 1979, fui ao Brasil. As coisas não funcionaram com a Alcina, mas eu decidi ficar no Brasil para tentar ver o que custava a vida. Nesse mesmo ano, em 1979, arranjei um emprego numa empresa brasileira cujo dono era português. Trabalhei um ano nessa empresa. Depois fui trabalhar para uma outra em-

presa, onde estive durante os sete anos em que vivi no Brasil. Uma empresa grande na área da produção de papel.

ED: E como foram esses sete anos no Brasil?

JC: Viver no Brasil era diferente de viver em Portugal. Na década de 1980, comecei a namorar com a Zezé e estivemos casados dois anos. Ela faleceu de maneira trágica. Suicidou-se. A minha mãe queria que eu voltasse para Portugal e continuava a orar por mim. Na altura eu tinha uma ligação bastante forte com a Igreja. Eu era tesoureiro de uma igreja Adventista em São Paulo e pregava na igreja. Mas, naquela altura, vi-me sozinho. Comecei a afastar-me da Igreja, a fazer amizades com os meus colegas de trabalho e comecei a consumir álcool. Comecei a ter uma vida muito promíscua. Passado algum tempo, apareceu outra mulher na minha vida. Era uma mulher que eu já conhecia há bastante tempo e que me fora apresentada pela Zezé. Nós conhecemo-nos logo no começo do meu namoro com a Zezé. Chama-

Nesta altura, em que eu estava afastado de Deus, senti necessidade d’Ele. Eu já não ia à igreja, apesar de viver a 200 metros da Igreja Central de São Paulo. Mas eu continuava a acreditar em Deus e continuava a acreditar na mensagem da Bíblia, na mensagem da Igreja.





va-se Clélia. Nesta altura, em que eu estava afastado de Deus, senti necessidade d'Ele. Eu já não ia à igreja, apesar de viver a 200 metros da Igreja Central de São Paulo. Mas eu continuava a acreditar em Deus e continuava a acreditar na mensagem da Bíblia, na mensagem da Igreja. Quando sentia esta necessidade, eu ia à casa dos pais da Clélia, íamos juntos à igreja do colégio, passava lá o dia, às vezes dormia lá de Sábado para domingo e no dia seguinte voltava à minha vida normal. Mas, num passeio organizado pelos jovens do colégio e da igreja de Moema, em São Paulo, nós fizemos uma caminhada em que descemos de São Paulo para Santos pela mata. Durante essa caminhada houve alguém que fez rolar umas pedras, de tal forma que uma das pedras caiu em cima de uma das mãos da Clélia e partiu-lhe a mão em cinco ou seis lugares. E a Clélia,

por ser filha de um obreiro, foi tratada no Hospital Adventista, que ficava perto da minha casa. Eu trabalhava numa empresa grande, na área do processamento de informática. Como só trabalhava seis horas, tinha muito tempo livre. Quando a Clélia ia fazer o tratamento ao hospital, muitas vezes eu ia ter com ela e conversávamos. Eu gostava de conversar com ela. Acabámos por nos apaixonar e casámos.

ED: Tu viveste sempre a vida de forma muito intensa e resolveste, com 67 anos, ir até ao Monte Everest. O que te levou a fazê-lo?

JC: O que me fez ir ao Monte Everest foi mais um desafio pessoal. Há alguns lugares em que eu gostei de estar, que são desafiantes. Machu Pichu foi um deles. A certa altura comecei a ter esta ideia de ir ao Everest. E o engraçado nestas coisas é

que quando começámos a falar nesta aventura, começaram a aparecer coisas no *Facebook*. Começaram a aparecer postagens do João Garcia, o maior alpinista português. O único português que subiu mesmo o Everest. É desafiante. Só quem já lá esteve, a praticamente cinco mil metros de altitude, sabe, como me aconteceu no dia em que eu decidi vir-me embora, o que é fazer oximetrias de 60%. Foi difícil a decisão. Acordava durante a noite a respirar como as senhoras que estão para dar à luz. Sentí que poderia colocar-me em risco. Uma das coisas que me aconteceu por causa da altitude foi estar duas semanas praticamente sem dormir. Dormia uma ou duas horas. E naquela noite, então, foi terrível. Cheguei à conclusão de que tinha contraído Covid-19. Troquei mensagens com a minha mulher. Ela trocou mensagens com o médico. O médico disse-lhe: “Ele que comece imediatamente a tomar a medicação de emergência”, isto é, a medicação para embolia pulmonar ou embolia cerebral. E isso aju-

**Aquilo que eu procuro
fazer é minimizar um pouco
o sofrimento dos outros.
Tal como o que eu procuro
fazer no projeto *Dois*
Minutos com Ele: Levar a
esperança que Jesus pode
dar e que está expressa na
Palavra de Deus.**



dou-me a tomar a decisão. Eu estava, praticamente, a cinco mil metros. No dia seguinte chegaria aos cinco mil e podia chegar até aos 5100, que é onde fica o campo base. Eu decidi: Não vale a pena. Cheguei até aqui. Estava a pôr a vida em risco. Ainda fiquei lá mais um dia para decidir se ia ou não ia, mas vi que não havia condições. Eu ainda tinha três dias de caminho para regressar. O que me levou lá, por um lado, foi o desafio pessoal. Por outro lado, foi a expectativa de estar num lugar completamente diferente daquilo que estamos habituados.

ED: E foi isso que acabaste por encontrar?

JC: Sim. Apanhei o avião até ao aeroporto mais perigoso do mundo, o aeroporto de Lucca. Um aeroporto com uma pista de 200 metros e inclinada. Para depois fazer o *trekking*. Eu fui no avião e disse para mim mesmo: “Isto é a mesma coisa que viajar daqui para Londres. É um avião. É feito do



mesmo material.” E aqui vamos nós. Depois encontrei pessoas que vivem numa dimensão completamente diferente da nossa. Tudo é carregado às costas das pessoas. Por vezes questionamo-nos: “Nós pagamos para ter alguém que carregue as nossas coisas e estamos a passear, mas eles têm de fazer aquela vida e é uma vida muito dura”. Isso faz-nos pensar.

ED: Tu tens um ministério muito conhecido aqui em Portugal. Tens cerca de 13 mil seguidores, graças ao teu projeto *Dois Minutos com Ele*. Já gravaste o teu programa em vários lugares do país e do mundo. Para aqueles que nos estão a ler, basta procurarem no Facebook por “Dois Minutos com Ele” e vão encontrar este teu projeto. Porquê este projeto?

JC: É um projeto que me tem desafiado e que Deus colocou no meu coração. É a minha maneira de anunciar o Evangelho, de levar a mensagem a outros. Faço-o com muito gosto.

ED: Para terminar eu queria perguntar o seguinte: É possível que ainda tenhas algum sonho depois de teres vivido tanto?

JC: A minha aspiração maior é conseguir manter-me fiel a Deus. Para um dia, quando Jesus voltar, poder viver pela Eternidade. Até lá, é viver o dia-a-dia e procurar servir. Servir a igreja, servir o próximo. Um pouco como aquilo que eu tenho feito até aqui. No meio das coisas que fiz sempre estive o meu desejo de ajudar a levar o Evangelho, cumprindo a missão que Jesus nos deu. A irmã Ellen G. White diz que todos nós nascemos como missionários. E eu, durante muitos anos, procurei envolver-me na igreja.

ED: Se alguém algum dia quisesse escrever um livro ou fazer um filme sobre a tua vida, qual era o título que gostavas que tivesse?

JC: “O homem que procurou servir.” Pois neste momento continuo a estar envolvido com a igreja. Todas as semanas, duas vezes por semana, também ajudo na *ReFood*, fazendo recolha de alimentos nos supermercados para depois serem distribuídos por pessoas necessitadas. Aquilo que eu procuro fazer é minimizar um pouco o sofrimento dos outros. Tal como o que eu procuro fazer no projeto *Dois Minutos com Ele*: Levar a esperança que Jesus pode dar e que está expressa na Palavra de Deus.

ED: Obrigado por esta entrevista, José Colaço.

JC: Eu é que agradeço.

Quando a tempestade passa, a esperança fica

A resposta da ADRA Portugal às tempestades que atingiram o país



Cármen Maciel

Diretora Executiva da ADRA Portugal

Foto: JOÃO PORFÍRIO/OBSERVADOR

No final de janeiro, várias tempestades atingiram Portugal com grande intensidade, deixando um rasto de destruição em diferentes regiões do país. Casas danificadas, telhados arrancados, terrenos devastados, famílias sem bens essenciais e comunidades a tentar reorganizar-se perante o impacto das intempéries.

Perante estas situações, a missão da ADRA é clara: Agir rapidamente para aliviar o sofrimento humano e restaurar a esperança. E foi exatamente isso que procurámos fazer.

Desde as primeiras horas após a passagem da primeira tempestade, a ADRA Portugal iniciou um processo de mobilização, que envolveu a comunicação rápida, a coordenação com as Delegações locais, a mobilização de voluntários e o apoio direto às famílias afetadas.

Uma mobilização imediata

Logo nas horas seguintes ao primeiro episódio de intempérie, foi enviada uma comunicação às Coordenações Regionais da ADRA e às Delegações Locais, alertando para a situação e incentivando ao levantamento de necessidades nas comunidades mais afetadas.

Ao mesmo tempo, a informação foi partilhada com a comunidade adventista através dos canais internos da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia (UPASD), incluindo os grupos de comunicação utilizados pelos obreiros e responsáveis locais.

Para sensibilizar toda a comunidade adventista, foram também preparados conteúdos específicos, incluindo imagens de apelo ao volunta-

Foi iniciado um pedido de donativos convidando a sociedade a apoiar as famílias afetadas. Esse apelo foi divulgado nas redes sociais e através de diferentes canais de comunicação, atingindo, em março de 2026, cerca de 70 000€.

riado e à angariação de fundos. No dia 31 de janeiro, foi divulgado um vídeo nas igrejas através do Departamento de Comunicação, convidando todos a envolverem-se na resposta solidária.

Nesse mesmo dia, foi também produzido um vídeo no local das zonas afetadas, com testemunhos de quem estava a viver essa realidade. O material foi posteriormente apresentado nas igrejas, permitindo que os membros compreendessem melhor o impacto da situação e a importância da solidariedade.

Sensibilizar a sociedade

Paralelamente à mobilização interna, a ADRA lançou também um apelo público de ajuda.

No dia 29 de janeiro foi iniciado um pedido de donativos, através de *MBway* e transferência bancária, convidando a sociedade a apoiar as famílias afetadas. Esse apelo foi divulgado nas redes sociais e através de diferentes canais de comunicação, atingindo, em março de 2026, cerca de 70 000€.

Pouco depois, foi criado um formulário para inscrição de voluntários

e lançado um convite público ao voluntariado. Muitas pessoas responderam a esse apelo, demonstrando uma vez mais que, em momentos difíceis, a solidariedade continua a ser uma das maiores forças da nossa sociedade.

Ao longo dos dias seguintes foram publicadas diversas atualizações nas redes sociais e no *site* da ADRA, bem como nas plataformas oficiais da UPASD. O Departamento de Comunicação produziu também um *reel* que foi partilhado por diferentes entidades da comunicação adventista em Portugal, ampliando o alcance da mensagem.

A *Novo Tempo Portugal* e a *Rádio Clube de Sintra (RCS)* juntaram-se igualmente a esse esforço de sensibilização, transmitindo um *spot* dedicado à resposta de emergência.

Presença no terreno

Enquanto a comunicação mobilizava pessoas e recursos, as equipas da ADRA começavam também a atuar no terreno.

No dia 30 de janeiro foi realizada uma visita ao concelho de Leiria para conhecer diretamente algumas das famílias afetadas e realizar um primeiro levantamento de necessidades.

No dia seguinte, representantes da ADRA e do Departamento de Comunicação da UPASD visitaram as comunidades adventistas de Leiria e de Gândara dos Olivais, expressando solidariedade e coordenando o apoio local. Nessas visitas foram também delegadas responsabilidades para que as igrejas pudessem ajudar no processo de identificação das situações mais urgentes.



Ainda nesse dia começaram as primeiras intervenções concretas, nomeadamente a reparação de telhados em habitações sinalizadas à ADRA. Paralelamente, voluntários juntaram-se às autoridades locais para apoiar na limpeza de espaços públicos, numa ação articulada com a Associação da Juventude Adventista.

Nos dias seguintes, foram enviadas novas equipas para apoiar famílias que tinham sido identificadas como necessitando de ajuda urgente. Estas equipas colaboraram em pequenas reparações, limpeza de terrenos e remoção de detritos.

Alguns recursos financeiros foram utilizados para abastecer motosserras e adquirir telhas e outros materiais de construção, permitindo intervenções rápidas em situações prioritárias.



Os voluntários da ADRA também colaboraram com as autoridades locais em diferentes pedidos de apoio e participaram no centro logístico de receção de bens instalado junto ao Estádio Municipal de Leiria e na Mariinha Grande.

Para facilitar a identificação de novas necessidades, foi também disponibilizado um formulário *online* para pedidos de apoio. Desde o primeiro dia, a ADRA recebeu inúmeras chamadas e mensagens de pessoas que procuravam ajuda.

Uma onda de solidariedade

Sensíveis ao facto de algumas pessoas não se conseguirem deslocar a supermercados (por terem perdido os seus carros, pela quantidade de estradas fechadas ou por outras circunstâncias

inesperadas), as Coordenações Regionais da ADRA organizaram uma Caravana Solidária.

Assim, nos dias 7 e 8 de fevereiro, onze carrinhas da ADRA e parceiros partiram para diferentes freguesias menos alcançadas pelos apoios iniciais. Cada viatura seguiu completamente carregada com mantimentos, resguardos, materiais de construção e outros bens essenciais.

Esta iniciativa demonstrou, mais uma vez, o impacto que a cooperação pode ter quando existe um propósito comum: Servir o próximo.

Apoiar a reconstrução

Com o passar das semanas, tornou-se claro que muitas famílias continuavam a enfrentar dificuldades significativas.

Por essa razão, a resposta da ADRA não se limitou à fase imediata de emergência.

Durante os meses de fevereiro e março, voluntários continuaram a deslocar-se às zonas afetadas para apoiar famílias em pequenas tarefas de reparação e recuperação das suas habitações.

Além disso, e graças aos donativos recebidos, no dia 6 de março foi aberta uma linha de financiamento destinada a apoiar pessoas e famílias que sofreram danos materiais significativos devido às tempestades. Cerca de 100 famílias já foram apoiadas através desta iniciativa.

Entre as situações mais comuns, a ADRA apoiou-as a reparar danos na estrutura das suas casas (causados pelas tempestades e inundações), a substituir móveis e eletrodomésticos



avariados, a obter cobertores e novos equipamentos de aquecimento, ou ainda a repor os alimentos perdidos devido às falhas de eletricidade ou às inundações.

Foi também ativado um mecanismo de apoio de emergência financiado pela ADRA Internacional e pela ADRA Europa, permitindo alargar a ajuda a necessidades adicionais, sobretudo mais ao Sul do país.

A missão continua

Em cada uma destas ações encontramos histórias de solidariedade, compaixão e esperança.

Voluntários que ofereceram do seu tempo, Delegações Locais que mobilizaram recursos, parceiros institucionais que colaboraram na resposta e doadores que decidiram contribuir para aliviar o sofrimento de pessoas e famílias desconhecidas. A ADRA está imensamente grata por tanta e tão preciosa ajuda.

Mais do que reconstruir telhados ou limpar terrenos, a missão da ADRA é restaurar dignidade e esperança.

As tempestades passam, mas as marcas que deixam podem permanecer durante muito tempo. É por isso que a presença solidária da comunidade continua a ser tão importante.

Enquanto houverem pessoas em situação de vulnerabilidade, a ADRA continuará a procurar cumprir o seu compromisso de servir a Humanidade para que todos possam viver como Deus planeou.

Mesmo depois da tempestade, a esperança pode voltar a nascer. E damos graças a Deus por isso!



O relacionamento entre Clarence Rentfro e Robert Moreton

(Parte I)

Ainda no âmbito das Comemorações dos 120 anos da Obra Adventista em Portugal, gostaria de abordar um assunto que se prende com o relacionamento entre Clarence Rentfro, o missionário adventista enviado para o nosso país, e Robert Moreton (Filho), Agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em Portugal.

Sabemos, pelo Diário de Rentfro, que a sua família chegou a Lisboa a 26 de setembro de 1904. Rentfro irá entrar, no dizer da *Revista Adventista* de maio de 2021, “nos anos de Solidão Ministerial”. A informação recolhida na *Review and Herald* de 17 de outubro de 1904, faz referência ao facto de Rentfro ter encontrado “um amigo na pessoa de um agente da SBBE, o Sr. Moreton”. Mas quem era Robert Moreton (Filho)?

Robert Moreton era filho de Robert Hawkey Moreton (1844-1917) e de Agnes Mary Banfield (1847-1920). Robert Hawkey era Metodista e o seu Metodismo era do tipo clássico. Ele

edificou a sua congregação na base da reunião de classe, e só admitia pessoas como membros depois do devido e, às vezes, demorado período de prova por parte de cada candidato. Era um homem doente e sofria de asma brônquica.

O seu filho Robert nasceu no Porto, no dia 29 de abril de 1875, e veio a falecer em Lisboa, a 18 de setembro de 1936. Casou com Laura Julie Mange (1880-1949). No Diário de 1 de setembro de 1905, Rentfro faz referência a este acontecimento, no próprio dia, e diz: “Visita ao Sr. Moreton..., casado.” Robert Moreton (Filho) foi Secretário da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) até 1935. Em 1902, era assistente, em Lisboa, do Secretário da SBBE em Madrid.

O seu pai tinha nascido em Buenos Aires, Argentina, a 10 de janeiro de 1844. A família foi para Inglaterra em 1861 e em 1864 ingressou na Igreja Metodista Wesleyana. Em 1867, Robert Hawkey Moreton é nomeado Pastor e colocado à prova, sendo or-



denado Ministro do Evangelho a 3 de agosto de 1870, em Inglaterra. Vai chegar ao Porto no dia 16 de fevereiro de 1871 com a esposa, com quem tinha casado três semanas antes. Exerceu o seu ministério até 1917.

Depois destas pequenas notas biográficas sobre Moreton (Pai) e Moreton (Filho), podemos perguntar qual foi, na realidade, o relacionamento de Moreton (Filho) e de Moreton (Pai) com o primeiro missionário adventista em Portugal, cujo nome, como já sabemos, era Clarence Emerson Rentfro.

Ao analisarmos o Diário de Rentfro, verificamos que o nome de Moreton aparece doze vezes entre 28 de setembro de 1904, dois dias após a sua chegada a Lisboa, e 1 de setembro de 1905, data do casamento do Sr. Moreton. Depois nunca é referido em 1906, vindo a aparecer pela última vez a 16 de junho de 1907 com uma indicação muito ambígua. O Diário de junho de

1907 diz o seguinte, em inglês: “Two B. R. – Sermon, circumstance of Moreton.” O que quis Rentfro dizer com a palavra “*circumstance*”? Fomos investigar um bom dicionário de inglês-português e chegámos à conclusão de que “*circumstance*” pode significar muitas coisas, como, por exemplo: “Situação; incidente; ocorrência; posição; evento; condição; circunstância; facto; formalidade; hipótese.” Que sentido vamos escolher? Alguém terá dito: “Um texto fora do contexto, não passa de um pretexto”. Vejamos o contexto.

Rentfro escreve na *Review and Herald*, de 17 de novembro de 1904, p. 18: “Embora tenhamos achado um amigo num agente da SBBE de Inglaterra...” Estamos mesmo no início do seu ministério evangelístico em Portugal, “os anos de Solidão Ministerial” (setembro de 1904 a maio de 1906).

Entre 28 de setembro de 1904 e 20 de março de 1905, as visitas de

Rentfro e de Moreton foram uma constante, mas depois só vai aparecer novamente um registro a 1 de setembro de 1905, precisamente referindo o casamento do Sr. Moreton. Entretanto, no ano de 1906, não temos qualquer referência no Diário sobre a relação entre Rentfro e Moreton. Só vai parecer, e pela última vez, algo no dia 16 de junho de 1907, conforme dissemos.

O que se passou entre Rentfro e Moreton? Não sabemos. Rentfro não nos diz mais nada até ao fim do seu Diário, isto é, até 31 de dezembro de 1908. Também não sabemos se terá existido outro Diário a partir de 1 de janeiro de 1909. O que sabemos é que tudo isto não será simples coincidência. Vejamos então essas “coincidências”.

Em primeiro lugar, temos uma indicação que se encontra na *Review and Herald*, de 4 de maio de 1905, p. 16: “Não tenho nada de interesse para relatar..., exceto que os Protestantes aqui estão a lutar contra a verdade, falando e escrevendo contra o Sábado, e defendendo a guarda do primeiro dia da semana, o domingo.” Depois, Rentfro escreve que assiste a reuniões religiosas de outras Denominações (Presbiteriana Escocesa, Episcopal Metodista, Irmãos Episcopais, Missão da Irmandade de Plymouth). No final deste relato, faz uma afirmação que pode ter alterado a situação do relacionamento entre Rentfro e Moreton. Ele escreve: “Encontre outro campo, dizem gentilmente.” Por outras palavras, estava a ser dito ao missionário adventista: “Pense noutra campo para trabalhar, para apresentar a sua doutrina. Não há mais lugar para outra Igreja Protestante.”

Esta coincidência está precisamente inserida no período que vai de 14 de janeiro de 1905 até 20 de março de 1905, onde depois aparece um hiato de relacionamento entre Moreton e Rentfro.

Coisa curiosa, nesta data – que surge no seu Diário – de 21 de fevereiro de 1905, Rentfro vai conhecer o pai de Moreton.

É evidente que Rentfro tem um alibi muito forte: A língua, que foi um forte obstáculo para o seu trabalho, mas que ele, com o tempo, superou a muito custo, porque a língua portuguesa não é fácil.

Em 1906, Rentfro vai escrever muito sobre alguns temas históricos, tais como: O Terramoto de Lisboa de 1755, Marrocos (baseado no testemunho de um amigo inglês que foi Cônsul de Inglaterra). Escreve ainda um longo artigo com o título “Portugal durante o século XVIII”, depois outro sobre “A Península Ibérica”.

Na *Review and Herald*, de 28 de junho de 1906, p. 15, informa “estar a acompanhar um interessado da SBBE em Lisboa, alguns membros Metodistas e Presbiterianos, duas famílias portuguesas e uma família alemã”.

Entretanto, vão surgir os primeiros batismos em Portugal, na região de Lisboa. Este acontecimento deu-se no dia 21 de setembro de 1906. Na *Review and Herald* de 14 de fevereiro de 1907, na p. 18, vai aparecer um texto de Rentfro com uma apologia da Lei de Deus e do Sábado.

Mas então o que estava a acontecer no ano de 1906?

No espólio da Biblioteca Municipal de Vila Nova de Gaia podemos

encontrar o jornal *Luz e Verdade*. No dizer de José Sepúlveda (texto datilografado, de 3 de julho de 2024) esta publicação é da Igreja Lusitana.

Assim, no jornal *Luz e Verdade*, de outubro de 1906, na p. 1, há um artigo assinado por Santos Figueiredo, sobre o Descanso Dominical, que diz a determinada altura: “Muito se fala agora em descanso dominical, e com razão.” Mais à frente, diz: “Na questão do Dia de Descanso há também dissidentes do sentir geral dos povos cristãos. Uns por loucura religiosa entendem que os Cristãos devem guardar o Sábado, como faziam e ainda hoje fazem os Judeus, e falam e pregam e gritam para que assim seja; outros por loucura antirreligiosa insurgem-se contra o domingo, visto que o domingo está estabelecido como dia de cumprimento de deveres religiosos.”

É interessante referir que Rentfro envia uma mensagem para a *Review and Herald*, de 14 de fevereiro de 1907, p. 18, que diz: “Folheto como apologia da Lei de Deus e do Sábado.”

Como dissemos atrás, Rentfro, no Diário de 21 de fevereiro de 1905, escreve que conheceu o pai de Moreton, isto é, Robert Hawkey Moreton, que era Reverendo da Igreja Metodista do Templo do Mirante, no Porto. Rentfro não nos diz por que razão vai assistir às reuniões de outras denominações religiosas.

Na *Review and Herald*, de 2 de março de 1905, p. 14, Rentfro confirma que as leis do país são restritivas em relação ao proselitismo, sendo necessária uma licença governamental

para realizar reuniões com esse propósito. Na *Review and Herald*, de 23 de março de 1905, p. 14, ele informa estar a acompanhar regularmente vários interessados.

O problema da língua foi sempre o seu “calcanhar de Aquiles”, porque na *Review and Herald*, de 6 de julho de 1905 e 20 de julho de 1905, diz que precisa de alguém como colaborador que fale português.

Uma coisa chamou-nos a atenção. Durante o ano de 1906, Rentfro não apresenta no Diário qualquer referência ao seu “amigo” Moreton.

Na *Review and Herald*, de 28 de junho de 1906, p. 15, volta novamente às notícias sobre o seu trabalho evangélico em Portugal. Tinham terminado os “anos de Solidão Ministerial”, que duraram entre setembro de 1904 e maio de 1906. A *Review and Herald*, de 13 de setembro de 1906, p. 18, entre vários assuntos, informa que o grupo da Escola Sabatina que Rentfro formara em Lisboa é constituído por nove alunos: A família Rentfro (duas pessoas), a família do Pastor Schwantes (quatro pessoas), vinda do Brasil a 6 de maio de 1906, e uma senhora interessada mais duas sobrinhas (três pessoas).

A notícia mais extraordinária que aparece no Diário é a de 21 de setembro de 1906, com os primeiros batismos em Portugal, realizados na região de Lisboa. Surge assim um novo período no ministério de Clarence Rentfro, com os primeiros colaboradores no ministério e com as primeiras igrejas organizadas, período que foi de março de 1906 até 1909.



“Ninguém fica para trás!”

Conexão real: O plano para ninguém ficar sozinho em 2026



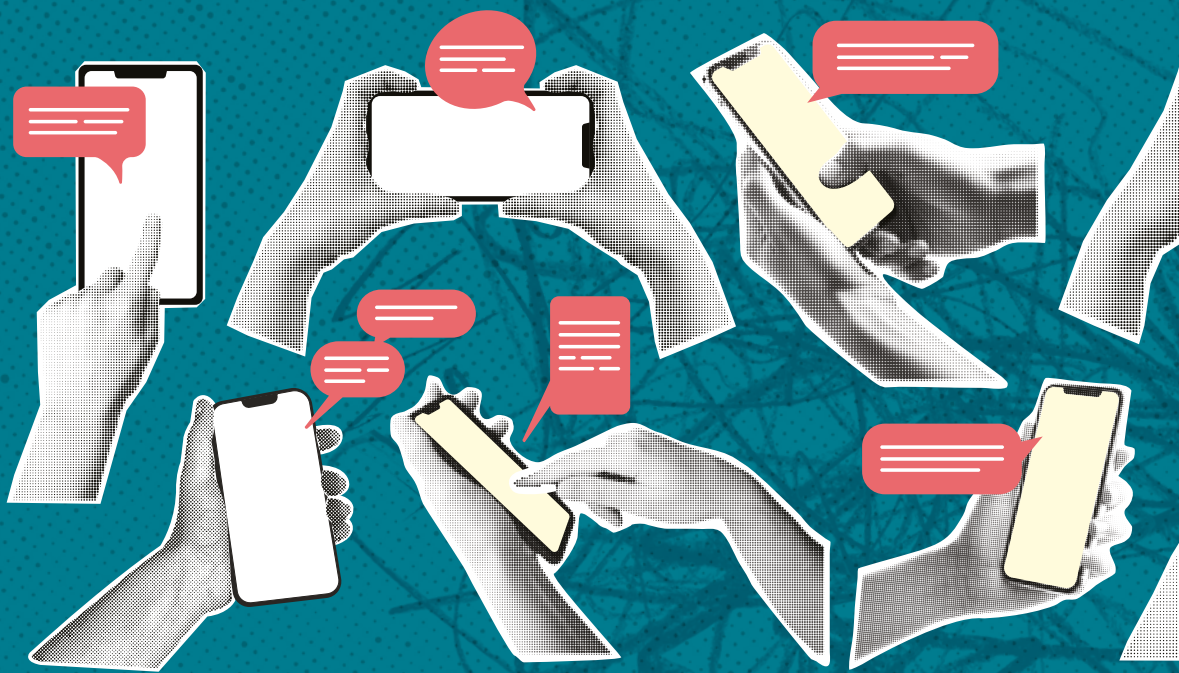
Procurar que ninguém fique para trás no seu relacionamento com Deus, com o Movimento JA e com a Igreja Adventista do Sétimo Dia é o grande propósito do Departamento de Jovens para este ano de 2026, considerando a sua atuação nacional, regional e local. Mas, como conseguir tal propósito, estando os adolescentes e os jovens da geração atual a viver numa preocupante “epidemia de solidão”, em que estão hiperconectados virtualmente, mas socialmente desconectados? Não é, com certeza, uma tarefa fácil e simples! Na verdade, só terá sucesso se a liderança da Igreja e do Ministério Jovem (Desbravadores e Projetos JA), se dedicar a orar a Deus, pedindo que Ele lhes dê especial cuidado e sensibilidade para identificar e perceber as necessidades dos jovens, mesmo as invisíveis.

Existem estratégias boas e eficazes, todas elas do primeiro século da era cristã, baseadas no método de Cristo e no método da

A Geração Z está hiperconectada no mundo virtual, mas socialmente desconectada.

Igreja Primitiva, que nos mostram um caminho para, efetivamente, não deixar ninguém para trás. Mas antes de avançarmos para essas estratégias, e porque ficaste com a “pulga atrás da orelha” com a expressão “epidemia de solidão”, toma atenção aos seguintes estudos e estatísticas que se focam na interessante Geração Z.¹ Talvez a tua geração, não?!

Um estudo de 2018,² mesmo antes dos confinamentos provocados pela COVID-19, apontou que a Geração Z era a geração que mais sentia a solidão, mesmo comparando com as gerações mais velhas. Em 2020,³ em plena Pandemia, um outro estudo apontou



que a *Geração Z* é o grupo etário mais solitário da Europa, uma vez que quase sete em cada dez inquiridos desta faixa etária responderam que se sentiram solitários pelo menos em alguns momentos. Já em 2023, após o cenário catastrófico e pandémico, um outro estudo,⁴ apontou que 73% da *Geração Z* afirmava sentir-se sozinha às vezes ou sempre. Este mesmo estudo concluía que a solidão pode ser tão prejudicial à saúde como fumar 15 cigarros por dia. As pessoas que sofrem de isolamento social têm um risco 32% maior de morte prematura. Eis-nos então perante um paradoxo interessante e estranho: A *Geração Z* está hiperconectada no mundo virtual, mas socialmente desconectada. Por fim, um estudo de 2025,⁵ apontava que a *Geração Z* e os

A solidão pode ser tão prejudicial à saúde como fumar 15 cigarros por dia.

Millennials,⁶ que cresceram a par das tecnologias digitais, como a Internet, os telemóveis e os dispositivos inteligentes, são os mais conectados, mas apresentam níveis mais elevados de solidão do que as gerações mais velhas.

Como podes ver por todos estes números, estamos diante de uma realidade e de toda uma geração que lida com o desafio da solidão. E esta não é uma realidade pós COVID-19, mas é até anterior à COVID-19. Muitos sentem-se sozinhos, para trás, sem pertença ou experiência de comunidade, verdadeiramente desejosos de viver a inclusão.

Mas a pergunta que se impõe é: O que dá sentido à vida dos jovens? As respostas a um estudo realizado na Alemanha, em 2022,⁷ apontam que as três áreas significativas que estão no topo da classificação de significado são: A família (63%), objetivos na vida (54%) e sucesso (académico/profissional) (48%). A família está, de longe, em primeiro lugar. Olhando para a lista completa, fica claro que confiar nas outras pessoas é particularmente importante.



Fazer parte de uma comunidade, de uma congregação e de uma família faz a diferença!

Em quarto e quinto lugar na lista estão: Manter a amizade (também 48%) e um relacionamento amoroso (47%). A valorização dos outros e a experiência de comunidade também desempenham um papel importante. Isto mostra claramente como os jovens estão focados na integração social e no sentimento de inclusão.

Em resumo, fazer parte de uma comunidade, de uma congregação e de uma família faz a diferença! Saber e experimentar um relacionamento autêntico com o Deus que traz de volta a casa, com o Deus que tem um coração grande para com as pessoas que estão sozinhas, isso modificará vidas, sobretudo as de quem vive nesta “epidemia de solidão”. Olha só que certeza a do Salmista:

“[...] Deus dá uma família aos que vivem sós [...]. Deus faz que o solitário viva em família” (Salmo 68:5 e 6).

Desvendada a questão da “epidemia de solidão” voltemos então ao tema das estratégias de Cristo e da Igreja Primitiva para não deixar ninguém para trás.

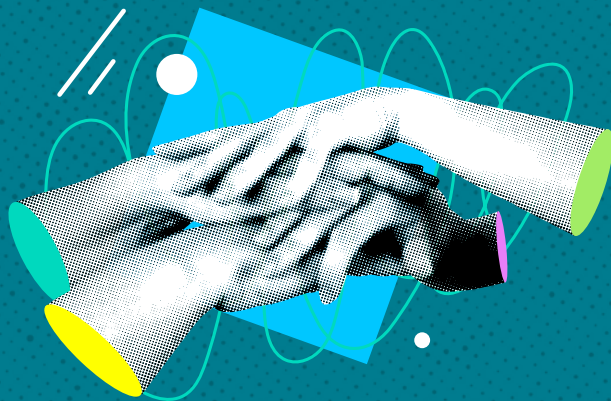
Conheces certamente o método de Cristo que te poderá ajudar a seres um “agente” divino no trabalho missionário de atrair outros para o Evangelho, mas, igualmente, a seres um instrumento usado por Deus para a retenção e/ou recuperação de jovens “desligados”, seja pela solidão, seja pela dúvida, seja por qualquer outra razão. De forma bem sucinta, o Método de Cristo resume-se aos seguintes passos: 1. Misturar-se com as pessoas; 2. Mostrar-lhes simpatia; 3. Atender às suas necessidades; 4. Ganhar-lhes a confiança e, finalmente, 5. Convidá-las a seguir Jesus.

Atreve-te a conectar! Ousa tentar a aproximação! Fá-lo com os olhos abertos, com o coração aberto, com a mente aberta. O Espírito do Senhor estará contigo!

Ok... Então e quanto ao método seguido pela Igreja Primitiva? Vamos a Atos dos Apóstolos 2:41 e 42: “Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas. Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações.” O método da Igreja Primitiva para não deixar ninguém para trás era este: 1. Ensino; 2. Comunhão; 3. Partir o pão; e 4. Oração.

E a pergunta que se impõe agora é: O que posso eu fazer, ou melhor, o que podemos nós fazer para seguir o método da Igreja Primitiva, que tão bom resultado alcançou? Em primeiro lugar, não esquecer de estudar a Bíblia a sós e/ou em comunidade/grupo, nos Clubes de Desbravadores, nos Pequenos Grupos ou em

outros momentos. O ensino e a aprendizagem são essenciais para adquirirmos este sentido de pertença e esta identidade de filhos de Deus. Em segundo lugar, devemos procurar a comunhão, ou seja, viver em harmonia, em união, em sintonia e em comunidade. Para isso precisamos de partilhar momentos de convívio e de socialização (caminhadas, jogos de tabuleiro ou o jogo “Conversas da Caneca”,⁸ prática de exercício físico/desporto e muito diálogo). Em terceiro lugar, porque não nos sentarmos à mesa e partilharmos refeições? Pode ser à volta de um simples lanche ou de uma bebida quente ou fresca (dependendo da época do ano). Podemos criar ambientes para conversas, da mais simples à mais complexa, da mais quotidiana à mais profunda,



Num mundo dominado pelas Redes Sociais, pelas relações superficiais e virtuais e pela solidão escondida de muitos, é necessário integrar, incluir e viver esta ideia de comunidade, sempre num contexto de amor pelo próximo.

todas podem acontecer. Em quarto e último lugar, a imprescindível e relevante oração, o ponto-chave para não ficarmos para trás e para que Deus nos use para não deixarmos ninguém para trás. Oração pessoal, coletiva, de gratidão, de súplica e de intercessão, este é o passo fulcral para o sucesso que vem, exclusivamente, de Deus.

Fechando então esta nossa reflexão: Num mundo dominado pelas Redes Sociais, pelas relações superficiais e virtuais e pela solidão escondida de muitos, é necessário integrar, incluir e viver esta ideia de comunidade, sempre num contexto de amor pelo próximo. Tu não queres ficar para trás, certo? Tu, na verdade, também não queres que outros fiquem para trás! Por isso, segue o método de Cristo e o da Igreja Primitiva. Faz a tua parte, pois o Senhor estará lá para fazer a parte d’Ele.

1 A Geração Z, nascida aproximadamente entre 1997 e 2010/2012, é composta por nativos digitais que cresceram com a *Internet* e com dispositivos móveis, moldando uma visão de mundo hiperconectada, ágil e inclusiva.

2 CIGNA U.S Loneliness Index, 2018.

3 Kaspersky, Find your tribe – Staying connected.

4 Gen-Z, The Loneliness Epidemic and the Unifying Power Of Brands, *Forbes*, by Kian Bakhtiari, publicado a 28 de julho de 2023.

5 Loneliness in America 2025: A pervasive struggle requires a comunal response, The CIGNA Group.

6 *Millennials*, também chamados de Geração Y, nasceram aproximadamente entre 1980 e meados da década de 1990 ou inícios de

2000. São nativos digitais, marcados pela familiaridade com a tecnologia, maior exigência profissional e foco na flexibilidade laboral.

7 Jugend in Deutschland, Jugend im Dauerkrisenmodus – Klima, krieg, corona, 2022.

8 Jogo de Cartas que suscita o diálogo e a reflexão espiritual entre amigos, criado por jovens portugueses e apoiado financeiramente pelo Departamento de Jovens da Divisão Inter-Europeia.



Famílias Especiais

Quando usamos o adjetivo “especial” pensamos em algo ou alguém com características únicas, superiores ou destinadas a um fim particular, destacando-se do comum, do banal ou do geral. Quando falamos, contudo, em “famílias especiais” referimo-nos àquelas que cuidam de crianças, de jovens ou de idosos com deficiências ou necessidades específicas (físicas, cognitivas, emocionais), enfrentando desafios de inclusão, alto stress e, por vezes, isolamento.

Numa livraria encontrei o livro *Como Construir um Casamento Próspero ao Cuidar de Filhos com Deficiência* (“How to Build a Thriving Marriage as You Care for Children with Disabilities”) de Kristin e Todd Evans. Este livro chamou-me a atenção porque o casamento por si já é cheio de desafios, mas quando acrescentamos a esta dificuldade uma deficiência ou uma necessidade especial, será expectável que as dificuldades apenas aumentem. De acordo com os dados disponíveis no nosso país, 83 000 crianças (4% da população escolar) precisaram de apoio especial nas nossas escolas, porque tinham necessidades especiais, no ano letivo de 2021/22. No censo de 2021,

11% da população com mais de 5 anos apresentava pelo menos uma incapacidade, sendo a incapacidade de andar a mais prevalente.

Kristin e Todd Evans, os autores que referimos, contam, neste livro, a sua história. Casaram-se e viveram os primeiros cinco anos do seu casamento com muito entusiasmo, alegria e empenho. Passearam muito, fizeram mais do que um curso para casais, a fim de terem a certeza de que estavam no caminho certo da felicidade conjugal, até que lhes nasceu o primeiro filho. O menino nasceu com uma anomalia médica rara ligada ao metabolismo. Depois de um ano a cuidar do filho com necessidades especiais, o casal acusou o desgaste na sua relação matrimonial. As discussões passaram a ser mais frequentes do que os risos e a separação começou, pela primeira vez, a ser uma possibilidade. Procuraram ajuda e a relação melhorou. Entretanto a Kristin ficou novamente grávida e, na sua alegria e esperança, foram assaltados com uma nova e inesperada tribulação. Foi-lhes dito que o segundo bebé teria a mesma deficiência do irmão. Só havia 14 casos registados daquela anomalia genética em todo o mundo e dois deles

estavam no seio daquela família especial. Com o passar do tempo, os problemas só se foram agravando. Primeiro, disseram-lhes que o bebê dificilmente iria sobreviver aos primeiros dias e, depois, informaram-nos que o problema afinal era diferente do outro. Afinal não se tratava da mesma anomalia, mas de algo muito mais grave.

Finalmente nasceu uma menina, que, por milagre, sobreviveu. Teve de ser operada duas vezes e esteve três meses no hospital antes de poder ir para casa. Todas as energias eram agora utilizadas para manter a menina viva e suprir as inúmeras necessidades dos dois filhos. Dominados pelo stresse, o casamento ficara asfxiado. Simplesmente não tinha havido tempo para nutrir o relacionamento. Sabe-se que famílias nestas condições têm uma carga muito mais pesada, têm mais agentes stressantes e apresentam um maior risco de desenvolverem transtornos ao nível da saúde mental e doenças crónicas, o que, por si só, afeta a qualidade da vida conjugal. Mas não há certeza de que o nível de divórcio seja maior nestas famílias. Três anos depois de ter começado a maratona, uma família amiga do casal ofereceu-se para ficar com as crianças durante um serão, de forma a que o casal tivesse alguma liberdade e algum tempo para si. À beira de um lago, Kristin manifestou a sua frustração e o seu desejo de acabar a relação. Todd respondeu reafirmando o seu amor e compromisso para com ela, o que os levou à renovação dos seus votos matrimoniais.

Que caminho percorreram desde essa altura que os levou a escrever um livro? A primeira coisa que fizeram foi

avaliar honestamente o seu casamento. Depois, estabeleceram uma estratégia com vários passos. O primeiro deles foi tomar consciência dos sonhos que se foram perdendo pelo caminho e a decisão de aceitar a sua nova realidade. Tiveram, de seguida, de reajustar as suas expectativas em função das circunstâncias presentes. O passo seguinte foi o de começarem a tratar das feridas, sendo que dar e receber perdão foi o elemento principal. Tendo esta restauração do relacionamento como base, começaram juntos a trabalhar o seu relacionamento, como qualquer casal também precisa de fazer nas várias áreas da sua vida conjugal, como sejam a comunicação, a gestão do stresse e dos conflitos, a sexualidade, a parentalidade e a estrutura e organização das lides domésticas, de forma a respeitar os limites de cada um e a alcançar a maior eficácia. Foi também importante para eles organizarem uma boa rede de apoio social e de recursos no campo da saúde mental e relacional. Por fim, alimentar a esperança foi e continua a ser determinante para qualquer família, e para as famílias especiais de uma forma particular.

“Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também no nosso corpo” (II Coríntios 4:8-10).

Seja qual for a nossa tribulação especial, o exemplo de Jesus será sempre um alento e uma fonte de esperança para a nossa vida.

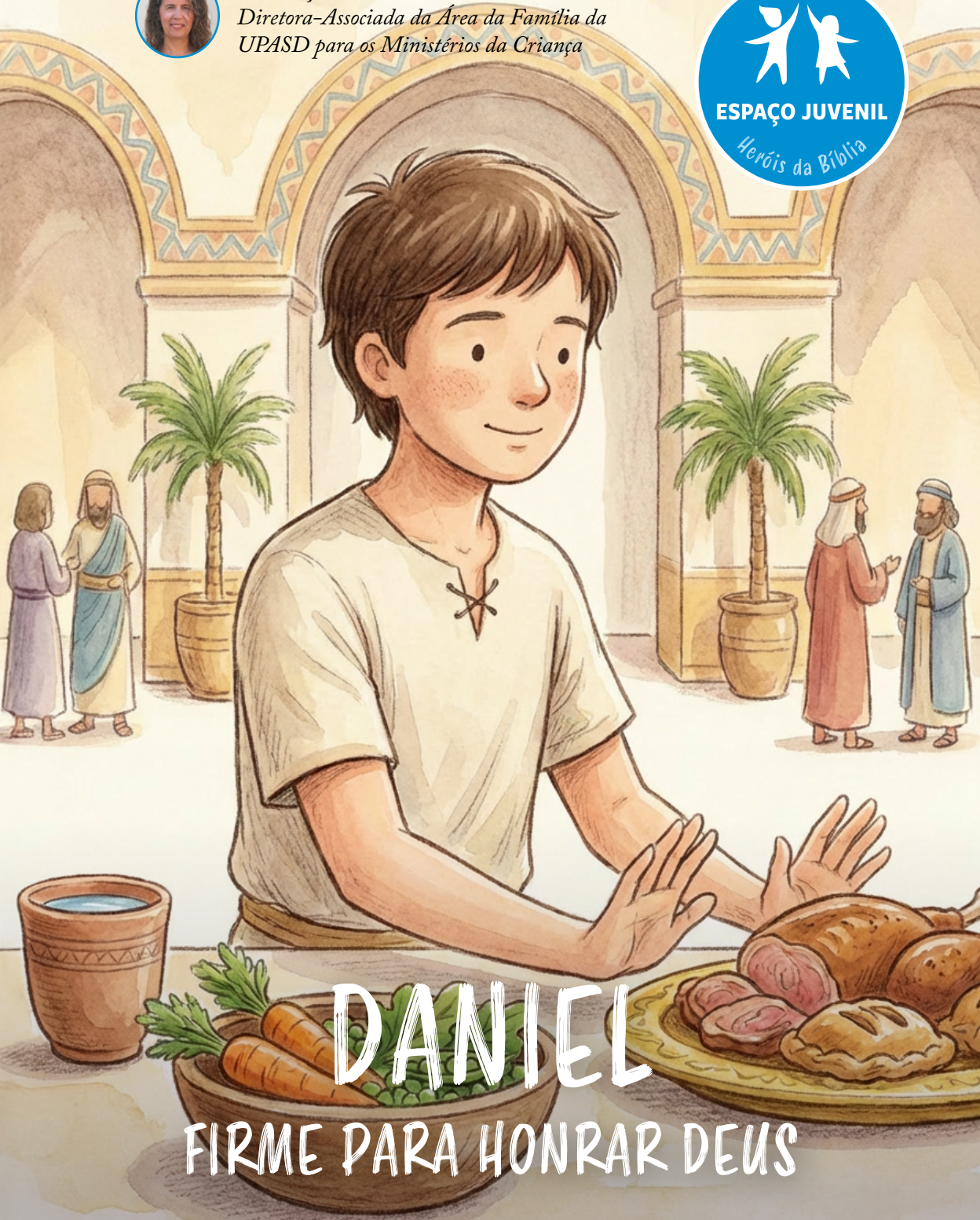


Conceição Teles
*Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança*



ESPAÇO JUVENIL

Heróis da Bíblia



DANIEL

FIRME PARA HONRAR DEUS

“Resolveu Daniel, firmemente, não se contaminar com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia” (Daniel 1:8).

Olá, eu sou o Daniel! Quero contar-te como Deus cuidou de mim e como, desde a juventude, me ensinou a permanecer fiel, mesmo numa terra estranha.

Eu vivia em Judá quando o exército da Babilónia invadiu a nossa terra. Fui levado cativo para longe da minha família e da cidade de Jerusalém. Não fui sozinho. Foram também comigo Hananias, Misael e Azarias, os meus amigos.

Chegámos à Babilónia, capital do império Babilónico, uma cidade muito grande, cheia de luxo, de ídolos e de costumes diferentes daqueles que tínhamos aprendido em casa. O rei Nabucodonosor escolheu-nos para estudarmos na sua corte. Queria que aprendêssemos a língua dos Caldeus e a sabedoria daquele reino, para depois servirmos no palácio.

Parecia uma grande oportunidade. Mas, logo no início, surgiu uma prova muito importante. O rei mandou que nos dessem da sua comida e do seu vinho. Aquilo era considerado uma honra, mas eu sabia que não devia desobedecer a Deus. Por isso, tomei uma decisão no meu coração: Não me contaminar.

Falei respeitosamente com o responsável e pedi que nos deixasse comer alimentos simples e beber água durante dez dias. Deus tocou no coração dele, e o pedido foi aceite. No fim desse tempo, eu e os meus amigos estávamos com melhor aspeto e mais fortes

do que os outros jovens. Então, continuámos com essa dieta.

Durante os anos de estudo, Deus deu-nos sabedoria, inteligência e conhecimento. A mim deu também entendimento de sonhos e visões. Quando o rei nos examinou, viu que não havia outros como nós. Fomos considerados dez vezes mais sábios do que todos os sábios da Babilónia.

Certo dia, o rei teve um sonho muito perturbador e ninguém conseguiu contar-lhe o sonho, nem explicá-lo. Quando soube que os sábios estavam em perigo, pedi tempo e fui orar com os meus amigos. O Deus do Céu ouviu-nos. Durante a noite, revelou-me o sonho e o seu significado. Então, louvei Deus, porque a sabedoria vinha d’Ele e não de mim.

Quando fui chamado à presença do rei, expliquei-lhe o sonho da grande estátua e disse que Deus é o Senhor dos reis e o Revelador dos segredos. O rei ficou admirado, reconheceu o poder de Deus e colocou-me numa posição importante no reino.

Mais tarde, no reinado de outro rei, os governadores ficaram com inveja de mim.

Aponta o telemóvel e descobre as surpresas preparadas para ti.+



[recursos.adventistas.org.pt/criancas/
documentos/espaco-juvenil-herois-da-
biblia-abril-2026/](https://recursos.adventistas.org.pt/criancas/documentos/espaco-juvenil-herois-da-biblia-abril-2026/)

Queriam encontrar alguma falha no meu trabalho, mas não conseguiam, porque eu era fiel. Então, decidiram atacar-me na minha fé. Convenceram o rei Dario a assinar uma lei que dizia que, durante trinta dias, ninguém podia fazer pedidos a qualquer deus, mas apenas ao rei.

Quando soube da lei, continuei a fazer o que fazia sempre: Orar a Deus três vezes por dia. Não escondi a minha fé. Preferi ser fiel ao Senhor do que salvar a minha vida.

Por causa disso, fui lançado na cova dos leões.

Mas Deus não me abandonou. Enviou o Seu anjo, que fechou a boca dos leões. Passei a noite em paz e, na manhã seguinte, o rei encontrou-me vivo. Então, todos puderam ver que o Deus a quem eu servia tinha poder para salvar.

Amiguinho, hoje também vives num mundo com muitas distrações, pressões e tentações. Talvez não tenhas de enfrentar um rei ou uma cova de leões, mas todos os dias precisas de escolher entre o que é certo e o que é errado.

Lembra-te disto: É possível ser fiel a Deus mesmo quando os outros fazem o contrário. Vale a pena obedecer. Vale a pena orar. Vale a pena confiar no Senhor.

O que Aprendi com Daniel

- A **FIDELIDADE** a Deus começa nas pequenas escolhas.
- A **ORAÇÃO** dá força nos momentos difíceis.
- O **DOMÍNIO PRÓPRIO** e a **TEMPERANÇA** ajudam-nos a ter a mente mais clara.
- Deus pode usar **CRIANÇAS** e **JOVENS** para dar testemunho.

Queres Ser Como Daniel?

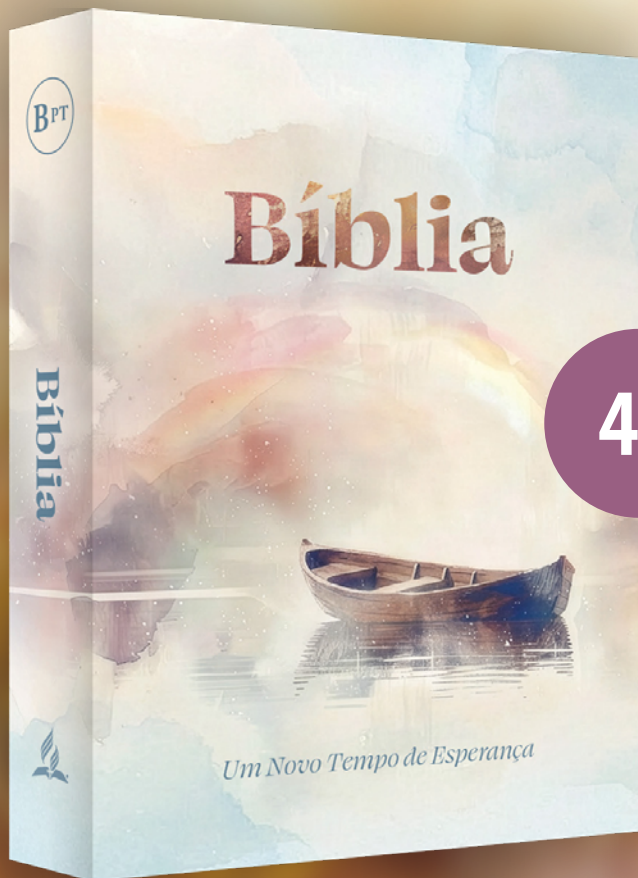
- Ora todos os dias.
- Escolhe o que agrada a Deus, mesmo que os outros façam diferente.
- Sê honesto, respeitador e aplicado.
- Usa os teus dons para glorificar Deus.

Desafio: "Fiel nas Pequenas Coisas"

- Em família, conversem sobre como ser fiéis nas situações difíceis.



Envolva-se no PROJETO ESPERANÇA 2026



18 abril
Lançamento
do Projeto
Esperança 2026
*Bíblia – Um
Novo Tempo de
Esperança*

**18 abril-
16 maio**
Tempo de
compromisso
e decisão

20 maio
Envio do
pedido da igreja
local para o
Departamento
de Publicações

outubro
Entrega do Livro
Missionário
nas RE's

**Início de
novembro**
Início da
distribuição da
*Bíblia – Um
Novo Tempo de
Esperança*

